

**Ministério da Justiça**  
**Secretaria Nacional de Segurança Pública**  
**Pesquisa Nacional de Vitimização**

**PROJETO BRA/04/029**  
**PRODUTO 09**  
**MARCOS VINÍCIUS MOURA SILVA**

Brasília, 23 de Maio de 2011

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	Error! Bookmark not defined.
2. METODOLOGIA DA PESQUISA EM GERAL .....	Error! Bookmark not defined.
3. ACOMPANHAMENTO DOS TREINAMENTOS.....	15
4. GESTÃO DA PESQUISA .....	28
5. AVALIAÇÃO DO INSTRUMENTO .....	32
6. COORDENAÇÃO TÉCNICA DA PESQUISA .....	34
7. PERFIL DOS PESQUISADORES/ENTREVISTADORES .....	36
8. METODOLOGIA DE ACOMPANHAMENTO .....	39
8. ARTIGO .....	47

## I) Introdução

O seguinte relatório refere-se ao produto final do Monitoramento da 1ª Pesquisa Nacional de Vitimização. Neste relatório constam dados do monitoramento realizado no período de julho a novembro de 2010, período em que a pesquisa foi monitorada, depois a mesma prosseguiu sem o monitoramento previsto inicialmente.

Os dados aqui apontados são frutos das observações *in loco* realizadas durante o trabalho de campo, todos os dados possuem como fonte os relatórios produzidos pelo consultor e aprovados pela Secretaria Nacional de Segurança Pública.

A estrutura do seguinte relatório seguiu orientações da Senasp, sendo divididos em sete seções temáticas, sendo estas: 1) Metodologia da Pesquisa em Geral, 2) Acompanhamento dos Treinamentos, 3) Gestão da Pesquisa, 4) Avaliação do Instrumento, 5) Coordenação Técnica da Pesquisa, 6) Perfil dos Pesquisadores/Entrevistadores e 7) Metodologia de Acompanhamento por meio de consultores contratados, e por fim a produção do artigo “A “*Pesquisa da Pesquisa*”: Contribuições do Monitoramento Externo para Gestão da 1ª Pesquisa Nacional de Vitimização” para publicação em revista ou manual a ser produzido pela Senasp. Foram acompanhadas 66 entrevistas, distribuídas ao longo de 11 cidades, entre Capitais, cidades da Região Metropolitana e cidades do Interior.

## **II) Metodologia Geral da Pesquisa**

Neste item, serão abordadas informações acerca da metodologia geral adotada para a realização da primeira Pesquisa Nacional de Vitimização. Para isso, será apresentado o desenho geral da pesquisa, conforme proposto pela Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP). Em seguida, serão avaliados os procedimentos adotados pelos pesquisadores do Instituto de Pesquisa Data Folha, a fim de verificar se a metodologia proposta foi adequadamente seguida.

Ainda sobre o desenho amostral da pesquisa, cabe ressaltar que ele se baseia nos setores censitários do IBGE e que, por conseguinte, considerando as residências contabilizadas em cada um dos setores indicados, espera-se selecionar a residência indicada e posteriormente o entrevistado.

A seguir, trataremos de algumas etapas da metodologia indicada considerando este desenho inicial e a adoção ou não dos indicativos deste desenho.

### **a) Arrolamento:**

De acordo com o desenho inicial da metodologia da Pesquisa, o pesquisador deveria coletar o máximo de informações possíveis sobre o setor censitário em questão. Como as informações disponibilizadas pelo IBGE acerca dos setores são provenientes do último censo (2000), em muitos casos, elas não correspondiam ao que se verificava em campo (crescimento vertical, horizontal, dentre outras situações). O IBGE indica também que cada setor possui entre 300 e 400 domicílios, entretanto, o que se encontra atualmente são números superiores a esses. Por isso, foi proposto aos pesquisadores que realizassem uma varredura dos setores censitários selecionados.

No entanto, durante o acompanhamento *in loco* destes pesquisadores, foi possível observar que muitos deles não seguiram corretamente a varredura, havendo muitos domicílios que não foram contabilizados. Em alguns destes casos, quarteirões inteiros não foram considerados na contagem do arrolamento, o que enviesou o desenho da amostra.

Em virtude destas falhas, alguns erros foram observados enquanto estávamos em campo, por exemplo:

*Durante a realização do campo, o pesquisador parou o trabalho e me falou que precisava me contar que havia um erro no arrolamento, segundo ele o outro pesquisador que fez a seguinte tarefa desconsiderou dois quarteirões, o que estava gerando erro no momento de selecionar o domicílio indicado.*

*(João Pessoa – PB 23/10/2011 13h50m)*

Diante destes erros, ficou estabelecido para fins corretivos que o Instituto contratado (Datafolha) deveria contar com supervisão *in loco* durante todo o processo da pesquisa e realizar mensalmente capacitações para evitar que tais erros fossem cometidos. Alguns dos erros observados no arrolamento eram oriundos da falta de capacitação dos pesquisadores de campo.

#### **b) Tipos de Domicílios:**

Dentro dos setores censitários, pode-se observar a existência de diversos tipos de moradias. No entanto, foram considerados nesta pesquisa estritamente os *DOMICÍLIOS OCUPADOS (TIPO 1)*, ou seja, habitualmente ocupados por uma ou mais famílias. Desse modo, não foram considerados aqueles com as seguintes características: *USO OCASIONAL (TIPO 2)* – utilizado apenas em alguns períodos, de forma não permanente, como hotéis, *apart-hotéis* e casas de veraneio; os *FECHADOS (TIPO 3)* – domicílio cujos moradores não foram contatados durante a pesquisa: espólio; e, por fim,

domicílios do tipo VAGO (TIPO 4) – domicílios desocupados ou abandonados no momento do arrolamento: reforma, aluga-se ou vende-se.

Casos como repúblicas ou pensões foram considerados, desde que o morador residisse há mais de três meses no local e possuísse fogão em casa ou comesse fora. Caso o pesquisador não conseguisse essas informações, o selecionado seria substituído.

Uma vez realizado o arrolamento, o pesquisador teria a informação sobre a quantidade de domicílios realmente ocupados naquele setor e, com base nela, calcularia quais dentre eles deveriam ser abordados para realização da entrevista.

No entanto, através do monitoramento realizado, podem-se constatar erros no que diz respeito à seleção do domicílio, como podemos observar no relato abaixo:

*Esta entrevista é fruto de uma substituição. O pesquisador havia arrolado uma Delegacia de Polícia, que acabou sendo selecionada para ser realizada a pesquisa. Desse modo, o pesquisador optou por substituir a delegacia pela casa ao lado (desconsiderou/desconhecia o fato de ter cometido um erro no arrolamento). Após três idas (duas destas, no mesmo dia) a esta residência, resolveu efetuar uma nova substituição, dirigindo-se deste modo a outra residência.*

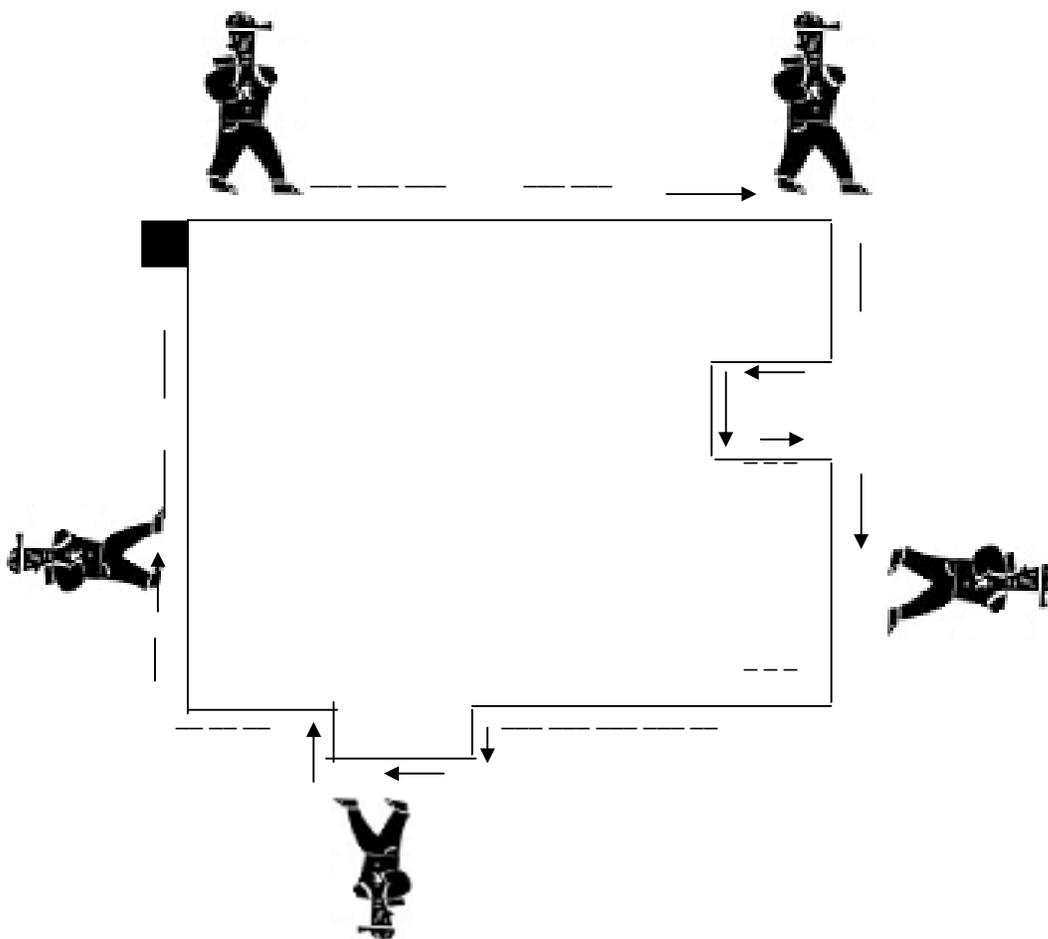
*(Rondonópolis-MT 28/08/2010 09h44m)*

Diante de tal falha, foi possível observar que havia problemas nos arrolamentos realizados e na seleção dos domicílios, haja vista que imóveis como: Delegacias, Hospitais, Prefeituras, Escolas, etc. não poderiam ser contabilizados. A contagem e posterior seleção destes imóveis devem ser encaradas como um grave erro metodológico que contribui para o aumento do erro amostral.

**c) Procedimentos para percorrer o setor:**

A figura abaixo ilustra o modo como se deveria percorrer o setor censitário no momento do arrolamento: o pesquisador deveria partir do ponto indicado (ponto de início do setor), posicionar o ombro direito na parede e começar o arrolamento. Ele deveria entrar em todos os becos e vielas que fossem encontrados, sempre com o ombro direito posicionado.

**Figura 01**



O desenho amostral da pesquisa previa ainda a realização de dez entrevistas por setor censitário. Este processo da pesquisa deveria ser realizado por uma dupla de pesquisadores durante o dia, já que se tratava de uma tarefa basicamente visual. No entanto, isso não ocorreu. De modo geral,

todas as etapas foram realizadas por um único pesquisador, sem supervisão *in loco*, o que contribuiu para a ocorrência de erros metodológicos, observados durante o monitoramento.

#### **d) Instrumentos:**

Para esta pesquisa de vitimização, foram utilizados dois questionários: um elaborado pelo Conselho Gestor da Pesquisa em conjunto com o Ministério da Justiça e outro seguindo os formatos internacionais do UNICRI – o que coloca a pesquisa em parâmetro internacional, já que será possível efetuar uma análise comparativa entre ela e pesquisas realizadas em outros países sobre a mesma temática.

Após a seleção do domicílio, o pesquisador deveria estar atento, pois a lógica de aplicação de cada questionário, o sorteio e a substituição do selecionado ocorrem de modos distintos de acordo com o instrumento utilizado.

Com o arrolamento realizado e o domicílio a ser entrevistado selecionado, o pesquisador deveria observar qual tipo de questionário (Vitimização Nacional ou UNICRI) deveria ser aplicado e seguir os procedimentos específicos a cada um deles.

#### **Questionários Vitimização Nacional e Unicri:**

Após selecionar a residência para realização da entrevista, o pesquisador deveria listar todos os moradores com idade superior a 16 anos, sexo e idade dos mesmos. É importante destacar que se considera morador todo indivíduo que reside há mais de três meses na residência.

#### **Tabela 1**

Ex.: Tabela de Identificação dos Moradores				
	Nome	Sexo		Idade
1	Maria Lucia	1 masc	2 fem	35
2	João	1 masc	2 fem	45
3	Pedro	1 masc	2 fem	24
4	Vera	1 masc	2 fem	78
5	Maria Eduarda	1 masc	2 fem	17
6		1 masc	2 fem	
7		1 masc	2 fem	
8		1 masc	2 fem	
9		1 masc	2 fem	
10		1 masc	2 fem	

A Tabela 1 exemplifica a maneira como deve ser realizada a identificação do número total de moradores com idade superior a 16 anos. Neste exemplo, temos cinco moradores, sendo três mulheres e dois homens. Essas informações irão subsidiar o pesquisador no momento de seleção do habitante que irá conceder a entrevista, conforme observaremos na tabela abaixo:

**Tabela 2**

Tabela 01	Número de Adultos									
N de Mulheres	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
0	Adulto	Homem mais velho								
1	Adulto	Homem	Homem mais velho							
2		Mulher mais velha	Homem	Homem mais velho						
3			Mulher mais velha	Homem	Homem mais velho					
4				Mulher mais velha	Homem	Homem mais velho				
5					Mulher mais velha	Homem	Homem mais velho	Homem mais velho	Homem mais velho	Homem mais velho
6						Mulher mais velha	Homem	Homem mais velho	Homem mais velho	Homem mais velho
7							Mulher mais velha	Homem	Homem mais velho	Homem mais velho
8								Mulher mais velha	Homem	Homem mais velho
9									Mulher mais velha	Homem
10										Mulher mais velha

A Tabela 2 refere-se ao quadro de sorteio do morador a ser entrevistado, com os dados dos moradores dos domicílios. Basta cruzarmos o número de

mulheres (três) com o número total de adultos residentes (cinco) e teremos o perfil da pessoa selecionada: nesse caso, deverá ser entrevistado o *homem mais velho* – no exemplo, o entrevistado será o Sr. João, que possui 45 anos. Nos casos de “empate” de perfil (sexo e idade), pode-se entrevistar qualquer um dos dois.

Das entrevistas acompanhadas, observou-se que o procedimento indicado foi adotado pela maioria dos pesquisadores em campo, entretanto alguns erros puderam ser observados e permaneceram sendo cometidos por alguns pesquisadores sem nenhuma correção por parte da “supervisão” da pesquisa. É importante salientar, que estas falhas só podem ser identificadas mediante o acompanhamento sistemático de todas as etapas da pesquisa. Os relatos a seguir evidenciam como estes erros metodológicos ocorreram durante a pesquisa:

*Para efetuar o sorteio de qual morador deveria ser selecionado no domicílio, o pesquisador buscou informações (nome, idade e data de aniversário) com o vizinho.*

*(Rondonópolis-MT 28/08/2010 14h00m)*

*Na tabela indicada para o sorteio do entrevistado, pude perceber um erro na seleção do morador. De acordo com os dados dos moradores da residência, o sorteado foi um morador ADULTO e o pesquisador marcou na tabela a opção HOMEM. O pesquisador não perguntou a idade dos moradores da residência.*

*(São Luís de Montes Belos – GO 03/08/2010 09h50m)*

Os exemplos relatados tratam de pesquisadores diferentes. No primeiro caso, após abordar a residência e verificar que não havia ninguém em casa, o pesquisador buscou informações pessoais com o vizinho da residência selecionada. Já o segundo caso pode ser encarado como um erro de fraude, já

que o pesquisador adequou a tabela de sorteios ao morador que o estava recebendo no momento da visita ao domicílio.

Para a realização da entrevista, solicita-se que o pesquisador agende o melhor dia e horário. Locais que não sejam a residência do selecionado também podem ser utilizados, desde que seja garantido o período médio de uma hora para entrevista. É aceita a substituição do selecionado, desde que o pesquisador o procure por, no mínimo, três vezes, em dias e horários distintos. Após essas três tentativas, o pesquisador deve entrar em contato com a coordenação de campo para saber qual a próxima residência do setor a ser abordada.

**Tabela 3**

Ex.: Tabela para Substituição Identificação dos Moradores				
	Nome	Sexo		Idade
1	Pedro	1 masc	2 fem	18
2	Antonia	1 masc	2 fem	25
3	Valéria	1 masc	2 fem	57
4		1 masc	2 fem	
5		1 masc	2 fem	
6		1 masc	2 fem	
7		1 masc	2 fem	
8		1 masc	2 fem	
9		1 masc	2 fem	
10		1 masc	2 fem	

A tabela acima apresenta o quadro de substituição dos moradores: aborda-se o domicílio indicado pela coordenação e lista-se o perfil dos moradores. O pesquisador deve buscar o morador com o mesmo perfil do

selecionado anteriormente: *homem mais velho*, neste caso, Pedro. A substituição garante a realização das dez entrevistas no setor.

No que se refere às visitas aos domicílios selecionados, observou-se que dificilmente eram realizadas três visitas em dias e horários diferentes. O pesquisador abordava o domicílio e quando não encontrava ninguém em casa, considerava a abordagem como recusa e dirigia-se a próxima residência. Esta estratégia era adotada para avançar quantitativamente com os números de questionários aplicados. Conforme pode ser observado com o relato de campo abaixo:

*Ao encontrar um homem no perfil, sua esposa nos atende e relata que ele estava dormindo e que poderíamos voltar em outro momento. Deste modo, o pesquisador faz contato com o Datafolha para saber se poderia continuar buscando outro respondente no mesmo perfil ou se teria que ir três vezes a este domicílio até encontrar este morador. A indicação do Instituto foi que ele poderia buscar outro morador, pois assim ganharia tempo com a pesquisa.*

*(Rondonópolis-MT 25/08/2010 14h48minh)*

O relato apresentado indica uma orientação errada por parte da equipe telefônica do Instituto Datafolha. Esta equipe tinha por objetivo esclarecer e tirar todas as dúvidas do pesquisador. Reitero que todos estes erros, quando cometidos sistematicamente, causam impactos no desenho amostral proposto, já que todos estes pontos são considerados no desenho da pesquisa e possuem procedimentos específicos para serem adotados em cada uma das situações. Neste caso, esperava-se que o pesquisador retornasse três vezes ao domicílio, em dias e horários diferentes.

Quanto aos questionários UNICRI, outros critérios deveriam ser considerados para a realização da pesquisa: a cada dois setores arrolados e entrevistados com o questionário Vitimização Nacional, o último domicílio sorteado no segundo setor deveria ter aplicado o questionário UNICRI. Ou

seja, a cada 20 entrevistas, uma segue os padrões do instrumento internacional.

Em função de o questionário seguir padrões internacionais, algumas questões não foram facilmente compreendidas ou não se aplicaram à realidade brasileira. Cabe destacar, que esse instrumento é fruto da tradução de um instrumento de pesquisa internacional o que também pode provocar algumas deturpações.

***Para seleção do entrevistado, deve-se observar quem está mais próximo de fazer aniversário.***

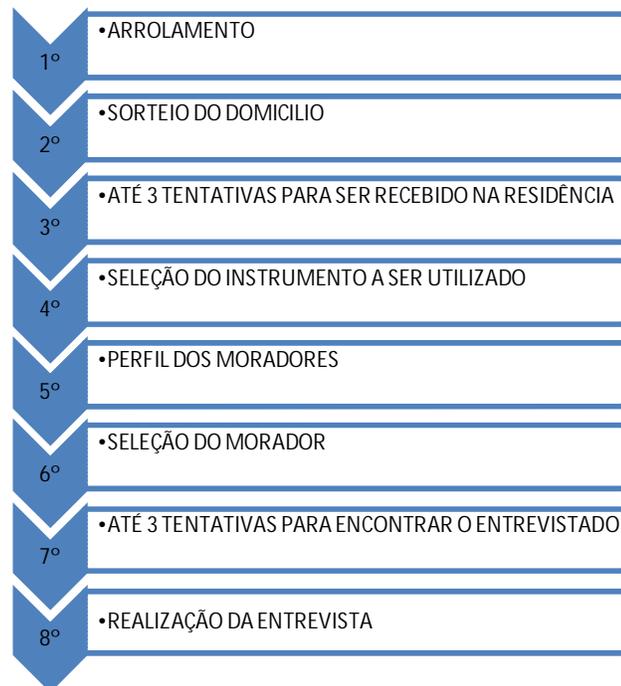
O critério de substituição do UNICRI segue os mesmos padrões do questionário da Vitimização Nacional. .

#### **e) Fluxo Geral do Trabalho de Campo:**

Apresentamos a seguir o fluxograma previsto para o trabalho de campo:

#### **Figura 2**

#### **Fluxo do Trabalho de Campo**



A Figura 2 apresenta os procedimentos a serem adotados durante o trabalho de campo. Em suma, o pesquisador deveria efetuar o arrolamento, sortear os domicílios para a pesquisa, entrar em contato com algum morador maior de 16 anos de idade, observar qual instrumento será utilizado (questionário Vitimização Nacional ou UNICRI), buscar o perfil dos moradores, selecionar o morador a ser entrevistado, entrar em contato com o entrevistado e, por fim, realizar a entrevista.

Em linhas gerais, o monitoramento permitiu observar que grande parte das entrevistas acompanhadas não seguiu fielmente o fluxo de trabalho proposto. Em alguns momentos, tornou-se difícil observar a metodologia proposta, uma vez que esta não era desenvolvida pelos pesquisadores.

Como já foi dito anteriormente, o arrolamento ocorreu sem nenhum tipo de supervisão, o que resultou em um grande número de domicílios que não foram contabilizados, ou que contabilizados de modo incorreto. O sorteio do domicílio era encarado como uma estratégia para seguir para outras residências. Em algumas entrevistas, foi possível observar que quando o morador selecionado era do sexo feminino, o pesquisador (masculino) desconsiderava e seguia para outras residências, até encontrar um perfil

masculino para ser entrevistado, ou ainda simulava em todos os questionários o perfil desejado, pondo fim à aleatoriedade.

A estratégia de ir três vezes em dias e horários diferentes à residência, tinha como objetivo garantir que pessoas que não encontravam-se em casa no momento da abordagem ao domicílio pudessem ser contempladas pela pesquisa. Entretanto, os valores pagos pelo Instituto Datafolha aos pesquisadores inviabilizavam a ida deste profissional três vezes ao campo. O pesquisador usava como estratégia pessoal fazer o maior número de entrevistas no dia em que se encontrava em campo, desconsiderando as três visitas, conforme o planejado.

Das entrevistas acompanhadas, grande parte ocorreu na frente de terceiros. Algumas delas chegaram a ser realizadas diante de cinco pessoas, o que impossibilitou que temas considerados sensíveis pudessem ser tratados adequadamente. Abaixo, seguem relatos de entrevistas que ocorreram nesta situação:

*Durante toda a entrevista, permaneceram no local, além do entrevistado, a mãe e o padrasto que, durante vários momentos, interferiram. Em um determinado momento, o entrevistado se declarou separado e a mãe interveio e disse que ele nunca fora casado.*

*(Goiânia-GO 15/7/2008 19h15m)*

*“A seguinte entrevista ocorreu na sala da residência do entrevistado, este aparentava cerca de 24 anos, o pai do entrevistado permaneceu no local da entrevista durante quase toda aplicação do instrumento, retirando-se apenas no final”.*

*(Campo Grande-MS 18/11/2010 12h45m)*

O monitoramento evidenciou que, quando a pesquisa é realizada na frente de diversas pessoas, a entrevista apresenta um viés, quando comparada com entrevistas realizadas somente com o morador selecionado, temas

peçoais e questões íntimas acabam se perdendo durante a aplicação do instrumento. Salienta-se que, para pesquisas desta natureza, é fundamental que o entrevistado esteja sozinho no ambiente da entrevista.

### **III) Acompanhamento das Capacitações**

As capacitações ocorreram em São Paulo (Hotel San Raphael), nos dias 7 e 8 de junho, em Goiânia (Address Residence), dias 23 e 24 de junho, em Brasília (Hotel Bristol), dias 7 e 8 de julho, e em Campo Grande (Hotel Bahamas), nos dias 9 e 10 de julho. Elas tiveram por objetivo realizar o treinamento dos pesquisadores de campo que participariam da Pesquisa Nacional de Vitimização. Em São Paulo, em especial, o público da capacitação foi os supervisores regionais do Instituto Data Folha. A capacitação seguiu os procedimentos indicados no “*Manual de pesquisador de campo*” elaborado pelo mesmo instituto.

Durante a capacitação, os supervisores e pesquisadores tiveram contato com todos os procedimentos a serem adotados no processo da pesquisa de vitimização, foram informados sobre sua seriedade, instruídos sobre a postura do pesquisador, a apresentação dos questionários, o papel dos consultores, dentre outros pontos considerados de suma importância para pesquisa.

#### **Capacitação São Paulo**

A capacitação ocorrida em São Paulo serviu de base (padrão) para as demais capacitações. Durante os três dias, participaram da capacitação a equipe do Data Folha (coordenadores e supervisores), integrantes do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública da UFMG (CRISP), a Coordenação geral do Projeto – Ministério da Justiça e a equipe de consultores – Ministério da Justiça .

Foram abordados os seguintes temas na capacitação:

- a) Introdução, histórico de pesquisas de vitimização e objetivos;
- b) Postura diante do entrevistado;
- c) Arrolamento de setor censitário, seleção dos domicílios e seleção dos entrevistados;
- d) Checagem e acompanhamento dos consultores;
- e) Aspectos administrativos do projeto;
- f) Compreensão do questionário Vitimização Nacional e instruções sobre como agir diante das recusas;
- g) Compreensão do questionário UNICRI;
- h) Ida a campo para treinamento *in loco* dos tópicos abordados;
- i) Discussão sobre a experiência prática (consultores e coordenações).

O seguinte formato da capacitação permitiu que todos os presentes tivessem um panorama geral da pesquisa e quais seus objetivos. De um modo geral, pode-se dizer que os supervisores saíram com bagagem suficiente para reproduzirem a capacitação e dar prosseguimento à pesquisa em seus respectivos estados.

O material utilizado para o treinamento contemplou todos os pontos relevantes para o trabalho do pesquisador, além de estar organizado de forma clara e objetiva. Mapas e folhas de arrolamento ajudaram na visualização da tarefa a ser realizada. As informações específicas sobre pesquisas de vitimização permitiram aos supervisores uma compreensão clara sobre o tema e a relevância deste tipo de levantamento no campo da segurança pública no país, de maneira que aqueles que nunca haviam tido contato com o assunto o compreenderam facilmente.

No entanto, cabe salientar que três dias de capacitação acabaram, em alguns momentos, se revelando exaustivos para os supervisores. Pôde-se observar momentos de conversas paralelas e dispersão durante as colocações levantadas. O momento mais prejudicado foi a leitura do questionário do

UNICRI, durante o qual algumas correções observadas tiveram que ser efetuadas.

Por ocasião das conversas informais estabelecidas com os supervisores de campo, algumas informações puderam ser obtidas. A supervisora do Rio de Janeiro ressaltou o difícil acesso às comunidades: durante o pré-teste realizado, ela observou que a abordagem e a recepção foram complicadas nos bairros de Pilares e Engenho de Dentro. Fato que chamou a atenção foi a interrupção feita por um coronel da PM, que não permitiu que o pesquisador realizasse seu trabalho no local – apesar de, posteriormente, a situação ter sido revertida.

A supervisora do Mato Grosso do Sul apontou a dificuldade em se ter bons pesquisadores, o que poderia dificultar o trabalho de campo. E a equipe do Data Folha ressaltou que, durante a fase do pré-teste, teve dificuldades em encontrar a pessoa sorteada em casa.

Para o último dia da capacitação foi previsto a ida a campo para treinamento *in loco*, com os consultores do Ministério da Justiça integrando as equipes de supervisão do Data Folha. Essa experiência permitiu aos consultores observar como os supervisores compreenderam o processo do arrolamento e sua prática no campo.

Durante essa ida a campo, pôde-se observar que alguns supervisores encontraram dificuldades em identificar o ponto inicial do setor e obter o número de residências e salas comerciais presentes em um edifício misto (comercial e residencial). Em média, um quarteirão do setor acompanhado levou entre 50 a 60 minutos em seu arrolamento.

Durante a inserção na equipe dos supervisores, algumas informações puderam ser obtidas: duas das supervisoras relataram acreditar ser muito difícil fazer a pesquisa em 210 dias, conforme previsto no cronograma, pois, em suas opiniões, o campo levaria cerca de um ano.

Após o treinamento *in loco*, supervisores, consultores e coordenações reuniram-se para discutir a experiência. Alguns supervisores apontaram

dificuldades em obter informações em edifícios, setores com grande crescimento vertical, prédios sem interfone ou campainha, áreas com moradores ilegais no Brasil e prédios mistos (residencial e comercial).

### **Capacitação Goiás – Goiânia**

Após a capacitação ocorrida em São Paulo, com os supervisores de campo do Data Folha, tiveram início as capacitações regionais com a equipe de pesquisadores de campo. Em Goiás, a capacitação contou com a presença da Coordenação Geral de Campo do Data Folha, do supervisor regional da pesquisa e do consultor do Ministério da Justiça.

Essa capacitação contou com o seguinte cronograma:

**Quadro 02**

	MANHÃ	TARDE
1º dia	Treinamento Data Folha  (informações gerais sobre técnicas de pesquisa e do Instituto)	O que é vitimização;  Postura do pesquisador
2º dia	Setor Censitário;  Apresentação da pesquisa	Apresentação dos instrumentos

Inicialmente, a capacitação contou com a presença de 39 pesquisadores. Destes, 15 participantes indicam ter experiência com pesquisas de opinião, sete já haviam atuado em outros institutos e oito, no próprio Instituto Data Folha. Entre os participantes, onze indicaram não ter nenhuma experiência com pesquisa de opinião pública. De um modo geral, pôde-se observar que os pesquisadores eram jovens e grande parcela deles possuía nível superior completo ou em curso. A maior parte era do sexo masculino.

Ao longo da capacitação, observou-se a evasão de alguns pesquisadores. No primeiro dia, logo da parte da manhã para a da tarde, alguns já haviam desistido, não retornando para o segundo momento. No último dia da capacitação, a equipe era composta por 29 pesquisadores, tendo havido uma evasão de dez pesquisadores ao longo do processo.

O material apresentado na capacitação de São Paulo mostrou-se mais completo, mais rico em informações para subsidiar o trabalho do supervisor regional. Já o material apresentado para as capacitações regionais seguiu um caráter mais sucinto, o que garantiu uma maior atenção e dinâmica aos dados expostos. Dentre os pontos abordados, destacam-se:

- Produtos Data Folha;
- Estrutura do instituto;
- Tipos de pesquisa;
- Pesquisador;
- Entrevistado;
- Entrevista;
- Direitos dos entrevistados;
- Responsabilidades profissionais dos pesquisadores;
- Metodologias de abordagem;
- Arrolamento;
- Folha de arrolamento;
- Diferença entre enquetes e pesquisas;
- População alvo / estudada;
- Amostra / Amostragem;
- Diferença entre cotas e arrolamento;

- Apresentação da Grade de cotas;
- Apresentação da Grade de abordagem;
- Técnicas de amostras (Probabilística e Não-probabilística);
- Fluxograma Data Folha;
- Campo;
- Coleta de dados;
- Como perguntar;
- Questionário;
- Filtro;
- Tipos de variáveis (perguntas fechadas, múltiplas e abertas) e como proceder;
- Classificação econômica (critério Brasil);
- Checagem;
- Pesquisas de vitimização.

A dinâmica da capacitação permitiu avançar no cronograma previsto: no primeiro dia, foi possível abordar a parte relativa aos setores censitários e ao arrolamento. O planejamento do estado de Goiás, em especial da capital, contribui sobremaneira com o arrolamento, tendo em vista que os bairros são ordenados e seguem o mesmo padrão.

De um modo geral, os pesquisadores não apresentaram muitas dúvidas. No entanto, algumas indagações foram suscitadas, como a partir de que momento considerar uma pessoa residente de república ou pensão como um morador e também se seria possível solicitar o telefone do selecionado e tentar localizá-lo por telefone. Nesse caso, a orientação dada pelo Data Folha foi que esse procedimento poderia ser realizado, não valendo, entretanto, como visita.

Para o domicílio ser substituído, o pesquisador deverá ir três vezes (em dias e horários diferentes) na residência do selecionado.

Entre os instrumentos apresentados, constava a *Planilha de visitas*, em que o pesquisador deverá anotar todas as visitas realizadas e seus horários. O uso desse instrumento não foi informado na capacitação de São Paulo.

Dando continuidade à capacitação, o segundo dia reforçou a importância da postura do pesquisador e o uso correto dos instrumentos de pesquisa. A leitura dos questionários ocorreu com fácil compreensão por parte dos pesquisadores presentes. No entanto, no questionário UNICRI a variável **P171** estava com um viés na “categoria D”: essa categoria foge da lógica de raciocínio da variável. Toda variável indica situações que “espera-se” do trabalho policial e essa categoria é a única que não o faz: “*Os Policiais Militares não estão preparados para usar armas de fogo*”. Portanto, o pesquisador deve ter atenção e observar se o entrevistado compreendeu a categoria corretamente.

### **Capacitação Brasília – Distrito Federal**

Em Brasília, a capacitação contou com a presença do Pesquisador do CRISP, Rodrigo Fernandes, e da Sra. Eliz, representante do Data Folha. A supervisora regional da pesquisa, Sra. Ângela Maria Barreto, apresentada na capacitação de São Paulo, não estava presente. Segundo informação da Sra. Eliz, ela fora desligada do instituto e quem iria coordenar o campo no DF era o Sr. Elder James, que também coordenaria o campo em Goiás.

A capacitação apresentou o seguinte cronograma:

**Quadro 03**

	MANHÃ	TARDE
1º dia	Treinamento Data Folha (informações gerais sobre técnicas de	O que é vitimização; Postura do pesquisador

	pesquisa e do Instituto)	
2º dia	Setor Censitário; Apresentação da pesquisa	Apresentação dos instrumentos

Inicialmente, a capacitação contou com a presença de 35 pesquisadores. De um modo geral, pôde-se observar que os pesquisadores possuíam entre 28 e 40 anos de idade, sendo sua maioria composta por homens.

O treinamento teve início com uma apresentação geral do Data Folha, suas técnicas e as principais pesquisas que o Instituto desenvolve. Essa primeira parte da capacitação dá uma formação geral ao pesquisador, para que ele possa participar de qualquer pesquisa do Data Folha. Sendo assim, a capacitação prepara para a pesquisa de vitimização, como também para as demais pesquisas de opinião pública em geral, em especial pesquisas eleitorais.

A capacitação foi ministrada pela Sra. Eliz e somente a parte relativa à vitimização ficou sob a responsabilidade do Sr. Rodrigo – o que foi muito positivo, visto que se trata de um pesquisador do campo da Segurança Pública.

As condições da sala não eram boas: havia uma grande pilastra no meio, o que impedia que parte dos presentes visualizasse a tela de apresentação. Além disso, nem todos os pesquisadores estavam em posse do material da capacitação e muitos acabaram ouvindo as orientações sem acompanhar na tela ou no manual.

Comparado às outras capacitações acompanhadas, o público estava disperso, com muitas conversas paralelas, chegando ao ponto de alguns dos presentes deslocarem-se para o fundo da sala para conversar.

De acordo com a Sra. Eliz, 30% dos questionários seriam checados – número que não confere com o que nos foi relatado em São Paulo – e após

essa conferência e crítica do material, os pagamentos seriam liberados. Foi frisado que questionários cancelados não são pagos.

Merece destaque o que ela falou sobre checagem *in loco*, onde, segundo ela,

*“Em algum momento do campo, o pesquisador poderá ser surpreendido com algum membro do Data Folha observando se as técnicas de pesquisa passadas estão sendo aplicadas corretamente”.*

Diferentemente das capacitações de São Paulo e Goiás, um pesquisador interrompeu a apresentação e perguntou quanto seria pago pelo questionário e a Sra. Eliz o respondeu prontamente. Ao contrário das demais, em que era informado que esse ponto seria tratado no momento administrativo.

Durante toda a capacitação, ressaltou-se que a todo o momento o pesquisador terá que fazer contato telefônico com a coordenação do Data Folha em São Paulo. Segundo a Sra. Eliz, em São Paulo haverá uma equipe quase que 24h à disposição, inclusive aos sábados e domingos, para tirar dúvidas e indicar a residência selecionada.

Com o término da fala da Sra. Eliz, iniciou o Sr. Rodrigo, abordando os pontos específicos sobre a pesquisa de vitimização. De modo geral, ele seguiu com um excelente panorama sobre a temática, destacando a relevância da pesquisa e da metodologia a ser seguida.

Entretanto, alguns pontos chamaram atenção: dentre esses, destaca-se o modo como foi orientado para que o pesquisador se apresentasse. Foi indicado que ele o faça como pesquisador do Data Folha, UFMG e ONU, pois isso garantiria maior credibilidade e possibilidade de conseguir realizar a entrevista. Esse modo de apresentação requer atenção, já que possivelmente nem todos os pesquisadores reproduzirão uma fala institucional como o esperado, sendo assim, ter uma fala ruim e vincular-se a ONU pode vir a ser algo problemático num futuro.

Foi falado também que poderão ser realizadas entrevistas com outros membros do domicílio, presentes no momento da entrevista, no entanto, é importante que isso seja sinalizado no questionário.

De modo geral, os pesquisadores presentes nesta capacitação apresentaram mais dúvidas do que nas capacitações anteriores (GO e SP).

Uma pesquisadora indagou sobre a possibilidade de um entrevistado ter sido vítima de sequestro e sequestro-relâmpago nos últimos doze meses. A orientação dada a esta pesquisadora foi a seguinte: *“Você deverá tirar a página de outro questionário (anexar) e preencher os dois delitos”*. Chamo atenção para o fato dos questionários já virem numerados e contados de acordo com o domicílio.

Outra dúvida levantada por um pesquisador referiu-se ao bem (carro) furtado. O questionário trabalha-o como *“carro da família”*, no entanto, as questões direcionam-se para *“seu carro”*. O Sr. Rodrigo explicou que essa questão seria levada a São Paulo para ser resolvida.

Nesta capacitação foi apresentado o cartão período de referência – ele não foi passado nas demais .

Um dos entrevistadores levantou a necessidade de se ter mais conhecimento sobre termos e conceitos utilizados no questionário. O Sr. Rodrigo explicou que no pré-teste isso não apareceu como necessário e que poderia confundir os pesquisadores.

Os pesquisadores acharam a capacitação longa e cansativa. Com o término da fala do Sr. Rodrigo, a Sra. Eliz retornou para falar sobre os pontos administrativos.

### **Capacitação Campo Grande – Mato Grosso do Sul**

Em Campo Grande, a capacitação também contou com a presença do Pesquisador do CRISP, Rodrigo Fernandes, e da supervisora regional da pesquisa, Sra. Jeane.

A capacitação apresentou com o seguinte cronograma:

**Quadro 04**

	MANHÃ	TARDE
1º dia	Treinamento Data Folha  (informações gerais sobre técnicas de pesquisa e do Instituto)	O que é vitimização; Postura do pesquisador
2º dia	Setor Censitário; Apresentação da pesquisa	Apresentação dos instrumentos

Inicialmente a capacitação contou com a presença de 38 pesquisadores e de modo geral pôde-se observar que os pesquisadores possuíam um perfil heterogêneo, havendo homens e mulheres com idades variadas.

Seguindo o padrão das demais capacitações, iniciou-se com a apresentação geral do Data Folha, suas técnicas e as principais pesquisas que o Instituto desenvolve. Essa primeira parte da capacitação, como já foi dito anteriormente, dá uma formação geral ao pesquisador para que ele possa participar de qualquer pesquisa do Data Folha.

No que se refere especificamente à pesquisa de vitimização, esta capacitação não trouxe informações diferentes das apresentadas em Brasília, haja vista se tratar do mesmo “palestrante” e as capacitações terem ocorridos em dias seqüenciais. Sendo assim, o que mais chamou atenção foi a fala da coordenadora e a participação dos pesquisadores.

A pesquisadora mostrou-se muito sensibilizada com a pesquisa, pois ela é assistente social e trabalha com menores infratores. Toda sua fala foi no sentido de mobilizar os pesquisadores pela questão social da pesquisa. Em momento algum, ela restringiu-se aos valores pagos ou algo similar, querendo

motivar o pesquisador pelo fundo social da pesquisa – fato que foi observado somente nesta capacitação.

Os pesquisadores não apresentaram dúvidas significativas acerca da metodologia, no entanto, houve duas pesquisadoras, uma de Campo Grande e outra do Paraguai, que interromperam excessivamente a capacitação. Em vários momentos, elas monopolizaram as falas com relatos pessoais de suas vivências em campo. Todo o grupo já estava descontente com a participação das mesmas, o que levou alguns pesquisadores a abordarem a coordenadora para que alguma atitude fosse tomada.

Ao término do treinamento, algumas duplas foram formadas e o material distribuído para que a pesquisa começasse no dia seguinte (domingo). No entanto, cabe ressaltar que no início da capacitação a coordenadora alertou que estava com pouco coletes, cartas e cartões.

Ao tomarmos a capacitação ocorrida em São Paulo como a capacitação base para os treinamentos locais, pode-se considerar que a capacitação regional de Goiás seguiu fielmente os pressupostos passados na primeira. Em Goiás, a capacitação foi mais dinâmica – isso deveu-se à formatação do material em um modelo mais conciso e ao menor número de participantes.

É importante ressaltar que quem conduziu toda a capacitação foi a coordenadora geral de campo do Data Folha, e não o supervisor, como ocorreu em alguns estados.

No que se refere à apresentação do consultor que atuaria no processo de monitoramento da pesquisa, na capacitação de São Paulo, a Coordenação Geral da Pesquisa (MJ) explicitou de forma clara o papel desse consultor. No entanto, na capacitação de Goiânia, a fala da Coordenação de Campo do Data Folha deixou evidente que, para o Instituto, o papel do consultor é estritamente fiscalizador, cabendo somente a ele criar as condições necessárias para sua realização – o que demonstra a não compreensão por parte do Instituto do que venha a ser o monitoramento. Após essa fala, o consultor pôde se pronunciar e explicar corretamente como seria o processo de monitoramento e quais as condições necessárias para sua realização.

Em ambas as capacitações, o ponto relativo às estratégias de monitoramento entre coordenação regional e entrevistadores não foi abordado, conforme o previsto.

No campo de propostas, podemos destacar os seguintes pontos:

a) Maior clareza nas explicações sobre Roubo e Furto. Em ambas as capacitações, diversos exemplos foram citados, gerando dúvidas se os casos relatados seriam de roubo ou de furto.

b) O material didático utilizado deve conter situações ocorridas em campo e o procedimento a ser utilizado. Na capacitação de São Paulo, expressões como “*bom senso*”, “*jogo de cintura*”, “*esperteza do pesquisador*” foram utilizadas para indicar como o pesquisador deveria proceder diante de algumas questões. No entanto, essas expressões não deixam claro como agir.

c) Treinamento *in loco*. Na capacitação de Goiás, ao contrário da de São Paulo, não ocorreu a experiência de ir a campo com os pesquisadores.

d) Seleção de Universitários. Em Goiás, grande parte dos pesquisadores cursaram ou cursam nível superior, o que facilitou a compreensão de alguns termos e comprometimento, já que muitos eram da área de ciências humanas.

e) Capacitação mais dinâmica. Em Goiás, o formato conciso da capacitação garantiu maior atenção por parte dos pesquisadores.

f) Capacitação integrada entre o instituto de pesquisa e os membros do Ministério da Justiça.

g) Atuação em dupla, pois garantirá maior segurança e agilidade ao pesquisador.

#### **IV) Gestão da Pesquisa**

No que se refere à gestão da pesquisa, este item aborda a relação estabelecida durante o período do monitoramento entre as partes Consultor, SENASP, PNUD e Datafolha.

Em relação à SENASP, pode-se dizer que os contatos com a equipe de monitoramento foram realizados diariamente, ou em grande parte, através de e-mails nos quais constava a atual situação do trabalho de campo na cidade que o consultor estivesse monitorando e relatos de todos os problemas identificados naquele dia. A seguir, um exemplo deste tipo de comunicação:

## Dourados 17 a 19 de Set

Entrada | X RELATOS DO CAMPO | X

☆ de **Vinicius Moura** <mviniciusmoura@gmail.com> [ocultar detalhes](#) 18/09/10  
para Fernanda meira <fernanda.meira@gmail.com>,  
Luciane Patricio Braga de Moraes <luciane.moraes@mj.gov.br>,  
Thadeu de Jesus e Silva Filho <thadeu.silva@mj.gov.br>,  
Thais Lemos Duarte <thais-duarte@hotmail.com>,  
Joelma <joelmasazevedo@yahoo.com.br>,  
● Maria da Penha Gomes <penhasgomes@gmail.com>,  
vancortes1@hotmail.com,  
Rafael dos Santos <osentidosocial@gmail.com>  
data 18 de setembro de 2010 22:29  
assunto Dourados 17 a 19 de Set  
enviado por gmail.com

*Amigos;*

*A dupla de pesquisadores chegou hj em Dourados, os acompanhei o dia todo!*

*O pesquisador trata-se de um novo pesquisador, que fez o treinamento ontem...já a pesquisadora é muuuuito boa. Hj percorremos dois setores, ela conseguiu fazer 9 entrevistas e ele 3. Amanhã temos mais 3 agendadas e iremos percorrer mais um setor, o trabalho em dupla é muito importante para a pesquisa..os erros diminuem consideravelmente, pois eles discutem a pesquisa o tempo todo.*

*A coordenadora está com dificuldades em recrutar pesquisadores homens, ontem ela deu um novo treinamento só com homens (8), ela estava muito perdida..indiquei a ela que frisasse no treinamento os principais erros que estão ocorrendo no campo. Ela me perguntou quais são!!! Falei para ela conversar com alguém do Data Folha e pedir os principais pontos que estão tendo erros na pesquisa.*

*Chamo atenção dos seguintes pontos:*

*Não estão dando a carta de apresentação da pesquisa;*

*Os treinamentos continuam ocorrendo sem nenhuma modificação, os principais erros não são discutidos profundamente;*

*O trabalho executado pelo "checador" não supre a supervisão de campo que a pesquisa necessita ( na verdade eles checam se há erro no quest. para que estes não voltem);*

*Os R\$ 80,00 que seriam pagos semanalmente,para deslocamento, não estão sendo pagos, os pesquisadores ficaram surpresos quando indaguei sobre isto.*

*Lú, a distribuição da carta é muito importante para pesquisa...*

*M. Vinicius Moura*

*(21) 8125-4183*

O envio de relatos desta natureza pôde garantir à equipe da SENASP total conhecimento de todos os fatos ocorridos no campo. Além destas informações diárias, mensalmente estes dados foram compilados e estruturados na forma de relatórios (produtos entregues).

O contato pessoal com a equipe da SENASP, que respondia pela pesquisa, ocorreu durante reuniões mensais, com duração de dois dias, nas quais era passado à coordenação um panorama do monitoramento em todo Brasil que por sua vez, passava as orientações para continuidade do trabalho de monitoramento.

Em relação ao PNUD, pode-se dizer que nunca ocorreu nenhum contato entre este órgão e a equipe de consultores.

O Instituto Data Folha, por sua vez, manteve alguns contatos com membros da equipe da pesquisa através de reuniões e contatos telefônicos. O contato com os pesquisadores de campo foi diário. Por meio deste contato, foi possível perceber questões que eram transversais à pesquisa e identificar erros estruturais em seu processo de gestão por parte do Instituto Datafolha, o que contribuiu para entender até que ponto as dificuldades encontradas com a pesquisa deviam-se a erros metodológicos ou a questões estruturais, tais como: os baixos valores pagos pelo trabalho; muitos pesquisadores não tinham recursos para pegar ônibus, cabendo ao consultor pagar a passagem deste, ou até mesmo pagar refeições; poucos pesquisadores em campo; pesquisadores que tinham trabalho fixo e ainda assim faziam a pesquisa (a pesquisa era encarada como uma atividade extra); pesquisadores sem a possibilidade de fazer contato telefônico com a coordenação regional da pesquisa; pesquisadores sem treinamento, entre outros pontos.

De modo geral, os pesquisadores não compreenderam o papel da equipe de monitoramento da pesquisa. Os pesquisadores viram-nos como “clientes” e reproduziram uma fala muito positiva do instituto e da pesquisa. Somente após alguns dias, com o acompanhamento, é que as pontuações em relação às questões estruturais surgiram com evidência, pois se tornou impossível o consultor não identificá-las e vivenciá-las.

No andamento do trabalho de campo, foi possível perceber uma grande dificuldade em localizar pesquisadores para serem acompanhados. Por diversas vezes, não foi possível localizar nenhum pesquisador fazendo trabalho de campo, o que inviabilizou o monitoramento em alguns dias previstos.

Com os coordenadores regionais (DF, MT, MS, GO e PB), o contato ocorreu presencialmente ou por telefone<sup>1</sup>. Nestes contatos, os coordenadores passaram ao consultor um panorama do campo e indicaram quais pesquisadores realmente encontravam-se trabalhando na pesquisa, haja visto que a planilha com esta indicação, passada pelo próprio Datafolha, não fornecia dados reais sobre pesquisadores que efetivamente encontravam-se em campo.

O contato telefônico com a coordenação de São Paulo ocorreu em situações extremas, nas quais dúvidas ou orientações gerais sobre a pesquisa estivessem gerando incerteza e que por isso deveriam ser solucionadas imediatamente. Entretanto, destaco que estes contatos não foram frequentes, pois a receptividade desta equipe em fornecer algum tipo de informação aos consultores era difícil (havia dificuldades de comunicação entre as duas partes).

Em relação aos contatos estabelecidos entre os integrantes do Instituto Datafolha, pode-se afirmar que houve dificuldades de comunicação entre os pesquisadores regionais e a coordenação regional e, por sua vez, desta última com a coordenação de São Paulo.

O instituto contratado optou por utilizar como principal canal de interlocução com os pesquisadores de campo o “0800”, serviço que a empresa ofereceu para tirar todas as dúvidas que surgissem. No entanto, pôde-se constatar que este serviço não funcionou por diversas vezes, ora pelas tentativas que os pesquisadores faziam, ora por orientações erradas passadas por este terminal.

A equipe da SENASP não estabeleceu nenhum contato direto com os pesquisadores de campo, relacionando-se apenas com a coordenação de São

---

<sup>1</sup> Estes contatos eram feitos sempre que o pesquisador chegava à cidade.

Paulo. Nos contatos efetivados com esta equipe, foram levados os problemas identificados na pesquisa e solicitações de medida corretiva.

No campo propositivo, é relevante que a SENASP tenha um termo de referência da pesquisa mais adequado à necessidade metodológica, no qual atividades como: treinamento dos pesquisadores, valores mínimos a serem pagos, capacitação periódica, desenho de supervisão *in loco* e manual metodológico fiquem a cargo, ou possam receber orientações, dos consultores e da SENASP

## **V) Avaliação do Instrumento**

No que se refere aos instrumentos utilizados na pesquisa, foram utilizados o questionário padrão do UNICRI e o questionário de Vitimização Nacional. Neste item, propomos algumas observações a respeito destes dois instrumentos que contribuirão, ainda que sucintamente, para o desenho de um novo instrumento nacional, haja vista a inadequação destes dois instrumentos frente às diferentes necessidades das cinco regiões brasileiras.

Durante o monitoramento, o consultor observou toda aplicação do questionário, sendo possível captar as percepções do entrevistado e do pesquisador. Observou-se que a forma como o instrumento foi diagramado gerou dificuldades em sua aplicação: as letras estavam em formato reduzido, o que dificultava a leitura; algumas questões estavam muito próximas umas as outras, o que fazia com que o pesquisador cometesse erros na hora da aplicação e, por fim, a linguagem textual não foi compreendida por todos os entrevistados.

Foi possível perceber ainda que o pesquisador não possuía total domínio do instrumento, pois termos como: roubo, furto, sequestro relâmpago, polícia civil, polícia militar, entre outros, não ficaram claros aos pesquisadores, como pode ser observado no seguinte relato:

*Durante o bloco de roubo e furto o pesquisador pergunta ao entrevistado se ele sabe a diferença entre os conceitos, o*

*entrevistado diz que sim e os define de modo errado, o pesquisador prossegue com a aplicação do questionário.*

*(Campo Grande-MS 18/11/2010 10h02m)*

Este fragmento revela a maneira como os questionários foram aplicados em algumas entrevistas. O desconhecimento do pesquisador em relação a termos chave para a pesquisa comprometeu a aplicação correta do instrumento.

O uso dos cartões-resposta nas entrevistas foi de fundamental importância para a compreensão de algumas questões. Entretanto, observou-se a realização de entrevistas sem o uso do mesmo e com a leitura incorreta de alguns enunciados, como apresenta o seguinte relato:

*Algumas perguntas são feitas sem a apresentação do cartão, mesmo que indicado para este ser apresentado ao entrevistado. A variável 171D foi realizada sem a leitura do “não”.*

*(São Luís de Montes Belos – GO 02/08/2010 16h17m)*

Em relação aos questionários UNICRI, observou-se que este possui maior rapidez em sua aplicação e a maneira como as questões foram trabalhadas contribuiu com as entrevistas. Entretanto, pode-se constatar que os pesquisadores possuíam menos “intimidade”<sup>2</sup> com este instrumento, o que suscitava erros quanto aos comandos do questionário, conforme consta no relato a seguir:

*O pesquisador não demonstrou intimidade com o instrumento (Tipo 2 - UNICRI), se perdeu em algumas questões, mesmo o entrevistado falando que havia sido vítima há mais de cinco anos, o bloco de vitimização*

---

<sup>2</sup> De acordo com o desenho amostral este tipo de questionário deveria ser o 20º questionário aplicado em um grupo de 20.

*continuou a ser aplicado. Diante da não compreensão do entrevistado, acabo interferindo e perguntando se os crimes foram nos último cinco anos, e ele diz que NÃO. Somente após este fato o pesquisador percebe o erro e diz: “Agora vamos dar um pulão!”.*

*(Rondonópolis-MT 28/08/2010 14h00m)*

Para futuras pesquisas nacionais, é importante que se considere as diferenças regionais de fala e escrita existentes no Brasil. Além disso, é fundamental que seja elaborado um dicionário do questionário, onde sejam tratados todos os termos de segurança pública e criminalidade que constem no instrumento. Por fim, salienta-se a relevância de constantes capacitações para que o pesquisador adquira o máximo de familiaridade com os instrumentos utilizados.

Para fins de correção do mesmo, sugere-se que seja constituído um grupo de trabalho com especialistas, consultores e ainda grupos focais com os pesquisadores, com o objetivo de compreender possibilidades e avanços na aplicação e compreensão do instrumento.

## **VI) Coordenação Técnica da Pesquisa**

A coordenação técnica da Pesquisa Nacional de Vitimização foi formada pelas Coordenações Regionais do Instituto Datafolha e pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP).

Verifica-se que a atuação do CRISP se dá por meio das capacitações técnicas, conforme descrito no item “Acompanhamento das Capacitações” (não foi possível observar diretamente a atuação do CRISP em nenhuma outra atividade).

Em relação às Coordenações Regionais, constatou-se através do monitoramento que as coordenações limitaram-se a receber orientações gerais dadas pela equipe de São Paulo e organizar a divisão do material de pesquisa entre os pesquisadores.

Neste contexto, a partir das exigências da SENASP, o Instituto Datafolha passou a realizar a supervisão do campo. Este procedimento dava-se da seguinte forma: um dos pesquisadores assumia a função de “checador”, nesta atividade ele tinha que acompanhar os pesquisadores que estivessem sendo monitorados e indicar a este pesquisador quais foram os erros cometidos. Entretanto, averiguou-se que os “checadores” não tinham compreensão da atividade que deveria ser realizada, sendo que alguns perguntavam ao consultor como deveriam proceder com a supervisão.

Alguns “checadores” eram pesquisadores que já haviam sido acompanhados em outros momentos e que assumiam esta função quando o consultor chegava à cidade monitorada.

A atividade de checagem enquanto estratégia de supervisão pouco contribuiu para a redução dos erros encontrados na pesquisa. O desenho de supervisão adotado pelo Instituto não abrangeu todo universo da pesquisa e não houve um retorno para os pesquisadores de quais foram os principais erros identificados. Desse modo, a Pesquisa Nacional de Vitimização seguiu sem supervisão consistente do trabalho de campo.

Como exemplo da limitação das coordenações regionais, observou-se a ingerência que estes possuíram com a condução do campo, como observamos anteriormente na falta de conhecimento real sobre os pesquisadores que estavam em campo. O contato com os pesquisadores ocorreu por indicação prévia do Instituto. Quando a tentativa de contato com estes pesquisadores não obtinha sucesso, o consultor era obrigado a estabelecer contato com os coordenadores regionais para obter um panorama do campo. Em diversos momentos, constatou-se que não havia pesquisadores em campo e que os dados de campo indicados pelo Datafolha não refletiam a realidade das coordenações regionais.

Outra questão apontada refere-se à entrega das “Cartas de Apresentação” da pesquisa. Foi entregue ao pesquisador somente uma carta, a qual ele deveria mostrar ao entrevistado e retomá-la para utilização na próxima entrevista. A entrega da Carta de Apresentação é uma das premissas básicas em pesquisas deste tipo, no entanto alguns coordenadores apontaram o desconhecimento ou a falta de recursos materiais para sua disponibilização.

No que se refere à checagem do material coletado e qualificação continuada, pode-se afirmar que não foi possível observar como estas atividades foram desenvolvidas. Segundo informações do Instituto, havia uma supervisão telefônica para conferência do material entregue, entretanto, não foi acompanhado nenhum retorno às residências para correção de quaisquer tipos de informações. As qualificações continuadas não foram realizadas.

## **VII) Perfil dos Pesquisadores/Entrevistadores**

Em relação ao perfil dos Pesquisadores de Campo, pode-se observar que este foi um dos principais problemas identificados durante o monitoramento da pesquisa. A pesquisa destacou-se pela evasão de pesquisadores, o que implicou em um processo contínuo de contratação de novos profissionais, o que contribuiu para que estes pesquisadores não acumulassem informações metodológicas suficientes sobre a pesquisa. Durante os meses de julho a novembro, foi possível observar que os mesmos erros foram cometidos, sistematicamente, desde o início da pesquisa.

O contato cotidiano e direto com os pesquisadores revelou que a baixa remuneração paga a estes era um dos principais fatores que propiciava a evasão destes profissionais.

Os baixos valores pagos pelo Instituto Datafolha aos pesquisadores de campo não permitia o desenvolvimento da metodologia de pesquisa proposta. Estes valores atraíram profissionais com pouca experiência em trabalho de campo, baixa escolaridade e que não se identificavam com a pesquisa. Aliado a isto, destaca-se o fato de alguns destes, por terem sido contratados com a pesquisa em desenvolvimento, não receberam treinamento prévio adequado para a aplicação da metodologia.

Os relatos que seguem referem-se ao modo como alguns pesquisadores conduziram as entrevistas e refletem, ainda que em parte, a carência de constantes capacitações:

*A aplicação do questionário ocorreu de modo lento, cansando o entrevistado. Além disso, o pesquisador realizou comentários durante a aplicação do instrumento. Destaco alguns deles”:*

- *“E se o senhor for violentado por alguma mulher bonita? Vai gostar! (risos)”*
- *Quando o entrevistado informou que já pagou propina: “Sério que já? Ohhh, loco!”*
- *“Ainda não pagou propina para PC? Ainda não, né?!”*
- *Em uma das questões relacionadas à vizinhança: “Ainda não tiveram esta cara de pau! (risos)”*

*(Campo Grande-MS 21/7/2008 07h25m)*

*O pesquisador não apresentou corretamente a pesquisa, possuía grande dificuldade com a fala, algumas questões não eram possíveis de serem compreendidas e graves erros de fonia foram cometidos, tais como:*

- *Hectorexual*
- *12 meis*
- *Afixia*

*(Campo Grande-MS 25/7/2008 12h54m)*

*O pesquisador não informou que a entrevista deveria ser individual, sendo assim, ao lado do entrevistado ficam sua esposa e seu filho (criança de colo). Durante toda entrevista, a esposa acaba relatando casos dos quais já foram vítimas e interferindo nas respostas dadas pelo entrevistado.*

*(Goiânia-GO 07/08/2010 18h10m)*

No primeiro relato, o pesquisador realiza diversos comentários inadequados, gerando viés nas respostas fornecidas pelo entrevistado. O

segundo relato apresenta erros de compreensão devido à maneira como o pesquisador falava e destaca a pouca “intimidade” com o instrumento. Por fim, o terceiro relato destaca a importância das entrevistas serem individuais e a relevância do pesquisador estar atento à presença de outras pessoas no local.

Alguns pesquisadores puderam ser acompanhados ao longo de meses, e com isso foi possível perceber que estes cometiam os mesmos erros desde o início da pesquisa. A carência de capacitações fez com que erros básicos fossem cometidos por um mesmo pesquisador ao longo de toda pesquisa, tornando-se sistemáticos. O processo de conhecimento em relação à metodologia proposta não foi acumulativo, sendo que alguns erros ocorreram devido à falta de conhecimento por parte do pesquisador de qual deveria ser o procedimento adotado.

Por fim, destaco que as reuniões e conversas informais ocorridas com os Coordenadores Regionais do Instituto Datafolha permitiram observar que estes não tinham clareza dos erros que eram cometidos em campo, uma vez que não havia uma estratégia de monitoramento do trabalho realizado. O Instituto apontou que as ligações efetuadas para conferência das entrevistas garantiriam a qualidade da mesma. No entanto, o monitoramento *in loco* indicou que erros não amostrais tornam-se difíceis de serem identificados sem uma supervisão presencial de campo.

Como sugestão para futuras pesquisas, é importante que a equipe de pesquisadores de campo seja formada por um corpo permanente de pesquisadores e que estes passem por constantes capacitações. A supervisão *in loco* da pesquisa é de fundamental importância para o controle dos erros metodológicos e posteriores medidas corretivas. Sugiro ainda, que os valores pagos aos pesquisadores contemplem ajuda de custo para passagens, alimentação, ganho mensal fixo e ganho variável de acordo com a produtividade de questionários aplicados.

### **VIII) Metodologia de Acompanhamento por meio da Equipe de Consultoria**

A equipe de monitoramento foi estruturada a partir de uma seleção pública, onde buscou-se profissionais com os seguintes perfis: possuir formação em ciências humanas e experiência mínima de 03 (três) anos na elaboração, implantação e monitoramento de Políticas Públicas. Desse modo, foram selecionados sete consultores e distribuídos entre as regiões do País que estivesse ocorrendo a Pesquisa nacional de Vitimização.

A proposta inicial apresentada pela Secretaria Nacional de Segurança Pública, para realização do monitoramento consistia inicialmente nos seguintes pontos:

1. Avaliação da capacitação realizada pela Empresa com os entrevistadores, contendo descrição das atividades de capacitação, material didático, programação, conteúdo apresentado e estratégias para padronização dos procedimentos de coleta, assim como relato do acompanhamento do pré-teste realizado pela Empresa ganhadora
2. Relato da coleta dos dados nos domicílios acompanhados (questionário nacional e UNICRI), identificando eventuais problemas na execução da pesquisa e propondo medidas corretivas; relato da checagem (por meio de visitas) de pelo menos 01 setor censitário por município; relato do número e a natureza dos casos de substituição, assim como da necessidade e a justificativa de ocorrer substituição
3. Conferência telefônica de 500 entrevistas realizadas.

Entretanto, a dinâmica do trabalho de campo<sup>3</sup> realizado pela empresa contratada não possibilitou a execução da seguinte proposta na íntegra, o que levou a equipe de monitoramento, em conjunto com a equipe gestora da pesquisa, propor um desenho de monitoramento, que fosse viável dentro da logística de campo adotada, garantindo assim, o acompanhamento da maior parte do trabalho realizado pelos pesquisadores. Além disso, o deslocamento entre Estados e municípios do interior do Brasil contribuiu para uma adequação da proposta inicial de monitoramento.

Dos pontos elencados acima, foi possível acompanhar, conforme o previsto, as capacitações realizadas pelo Instituto Data Folha. Nesta etapa do monitoramento os consultores acompanharam a capacitação organizada pelo Instituto Data Folha<sup>4</sup> para transmitir aos coordenadores regionais todos os procedimentos metodológicos da pesquisa, onde estes deveriam reproduzir em seus Estados de origem junto aos pesquisadores de campo. Estas capacitações regionais também foram monitoradas com o objetivo de avaliar como os seguintes procedimentos foram passados aos pesquisadores que aplicariam o instrumento de coleta de dados. Na medida em que as capacitações regionais ocorreram, a equipe de pesquisadores era direcionada ao campo e deste modo iniciava-se a segunda etapa do monitoramento: o acompanhamento *in loco* da pesquisa.

Como proposta de monitoramento, discutida entre a equipe de consultores e a equipe gestora da pesquisa, chegou-se a seguinte metodologia de monitoramento: O consultor tinha como atribuição acompanhar o pesquisador no momento da aplicação do instrumento. Através de uma listagem<sup>5</sup> previa dos pesquisadores que estavam em campo, o consultor

---

<sup>3</sup> O acompanhamento *in loco* não possibilitava aos consultores ter acesso ao relato do número e a natureza dos casos de substituição, assim como da necessidade e a justificativa de ocorrer substituição. Estas informações foram observadas somente nas entrevistas acompanhadas. Em relação à conferência telefônica a equipe de consultores não teve acesso aos números telefônicos.

<sup>4</sup> A seguinte capacitação ocorreu entre os dias 7 e 9 junho. Reuniram-se em São Paulo especialistas em Segurança Pública e Criminalidade, coordenadores do Data Folha, consultores do Ministério da Justiça e a Coordenação Geral da Pesquisa Nacional de Vitimização e Supervisores de Campo

<sup>5</sup> A seguinte listagem era passada pelo Instituto Data Folha.

estabelecia contato com o mesmo e agendava o dia e horário para acompanhá-lo na realização da entrevista. A proposta inicial orientava para que os consultores acompanhassem estritamente o momento das entrevistas, no entanto, o contato estabelecido com os pesquisadores revelou que muitas das entrevistas realizadas ocorriam logo após a atividade de arrolamento do setor censitário pesquisado, sendo poucas as entrevistas que haviam um agendamento prévio.

Sendo assim, o consultor dirigia-se a campo com o pesquisador e acompanhava todas as etapas da pesquisa, sendo elas: contagem do número de residências no setor censitário, sorteio dos domicílios, sorteio do morador que seria entrevistado e por fim o a aplicação do instrumento de coleta. Do ponto de vista metodológico o consultor realizava uma observação participante e em alguns momentos uma etnografia do trabalho desenvolvido pelos pesquisadores. Durante a abordagem ao domicilio selecionado, esperava-se que os pesquisadores explicassem os motivos pelo qual justificavam a presença de outra pessoa (consultor) acompanhando a entrevista e, por conseguinte a autorização previa do morador selecionado. No entanto o campo revelou que muitos pesquisadores não tinham clareza sobre a atividade que o consultor realizava, estes eram vistos como “fiscais” da SENASP. Havia uma preocupação clara, por parte dos pesquisadores, em passar informações sobre como estava o andamento da pesquisa e justificativas que explicassem a baixa produtividade<sup>6</sup>.

Por outro lado, a percepção, por parte dos pesquisadores, de que os consultores estavam executando uma atividade meramente fiscalizadora, abriu espaço para uma séria de relatos sobre as condições de trabalho e os problemas do campo. Ao passo que as coordenações regionais do Instituto Data Folha esforçavam-se em passar um panorama positivo da pesquisa os

---

<sup>6</sup> No Distrito Federal um número reduzido de entrevistas pode ser acompanhada, pois nas semanas destinadas para o monitoramento não haviam pesquisadores em campo. Em posteriores encontros com os pesquisadores, ou com o coordenador regional, estes justificavam os motivos pelos quais não trabalharam na pesquisa. Muitos pesquisadores, apesar de estarem indicados como exclusivos para Pesquisa de Vitimização, eram deslocados para trabalhar em pesquisas eleitorais do Instituto Data Folha.

pesquisadores de campo pontuavam os principais problemas de campo. Desse modo, o campo permitiu aos consultores observar que algumas das dificuldades apontadas, pelo Instituto Data Folha, para o desenvolvimento da pesquisa, não se devia a metodologia proposta, e sim as relações entre as coordenações regionais e os pesquisadores de campo. É importante salientar que durante todo processo de monitoramento os consultores explicitaram que a função que exerciam tinha como principal objetivo monitorar a metodologia proposta e não as relações entre pesquisadores e a empresa contratada, embora este fosse um ponto que aparecia de modo recorrente na fala dos pesquisadores.

A natureza do trabalho desenvolvido permitiu a equipe de monitoramento ter clareza não somente dos limites e possibilidades da metodologia aplicada, como também as dificuldades encontradas pelos pesquisadores para execução das atividades propostas. A dinâmica do monitoramento garantiu que o consultor acompanhasse toda dinâmica do trabalho do pesquisador. A atividade de monitoramento levava o consultor acompanhar um mesmo pesquisador por dias, chegando por vezes a mais de 10 horas de acompanhamento em um único dia, o que colocava o consultor próximo ao pesquisador, abrindo espaço para discussão e percepção de diversos problemas inerentes a pesquisa.

Durante todo processo do monitoramento nenhuma das questões observadas eram passadas aos pesquisadores e não ocorria nenhuma interferência do consultor durante as entrevistas, exceto nos casos onde os erros cometidos pelo pesquisador obrigavam o consultor intervir. O relato abaixo indica um destes momentos, onde a pesquisa foi apresentada de modo incorreto, como sendo uma pesquisa do Jornal XXXX.

*“O pesquisador deu uma explicação ruim da pesquisa, esclareceu brevemente sobre do que ela se tratava e logo a vinculou ao Jornal XXXX. Após a fala do pesquisador, expliquei corretamente a pesquisa e qual seria minha função”.*

(Goiânia-GO 16/7/2008 16h17minh)

A estratégia de acompanhamento *in loco*, foi de extrema relevância para compreensão de algumas questões. O trabalho desenvolvido pode relevar questões transversais em uma Pesquisa de vitimização, como relatado nos pontos anteriores, o monitoramento permitiu visualizar questões que vão além da aplicação do instrumento, tais como: gestão, capacitação, remuneração e logística. Durante os meses do monitoramento, foi possível perceber a exaustão com que tal atividade foi realizada, passado alguns meses de campo as informações obtidas tornaram-se repetitivas, a lógica de execução da pesquisa foi claramente identificada durante o monitoramento.

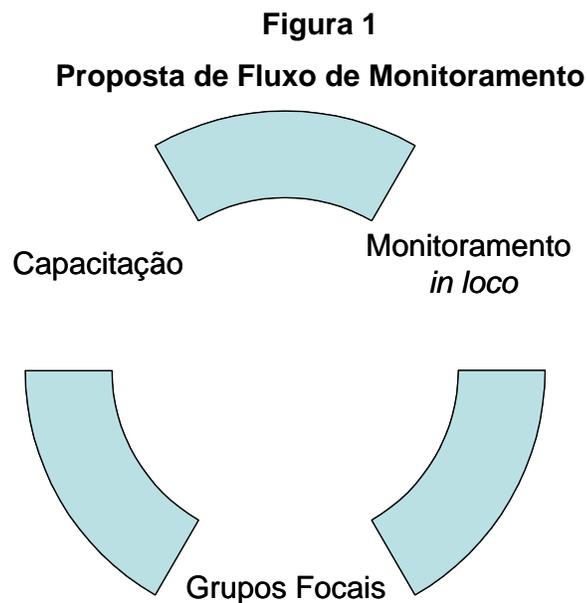
Após a observação das entrevistas, os dados coletados pelo consultor eram organizados através de relatórios mensais e passados a equipe gestora da pesquisa em uma reunião mensal com todos os consultores. Além dos relatórios mensais, relatos diários do campo eram enviados a coordenação geral da Pesquisa de Vitimização.

## Quadro 1

### Entrevistas acompanhadas

Monitoramento	Dia	Cidade	Bairro	Hora Inicial	Hora Final	Duração da Entrevista
Monitoramento1	12/jul	Goiânia - GO	São Carlos	09:20	09:40	00:20
Monitoramento2	12/jul	Goiânia - GO	São Carlos	10:25	11:05	00:40
Monitoramento3	12/jul	Goiânia - GO	Vila Alvorada	19:05	19:40	00:35
Monitoramento4	14/jul	Goiânia - GO	Jardim Caravelas	21:05	22:00	00:55
Monitoramento5	15/jul	Goiânia - GO	Guanabara II	15:07	16:10	01:03
Monitoramento6	15/jul	Goiânia - GO	Guanabara II	18:00	19:07	01:07
Monitoramento7	15/jul	Goiânia - GO	Guanabara II	19:15	19:35	00:20
Monitoramento8	16/jul	Goiânia - GO	Centro	16:17	16:57	00:40
Monitoramento9	17/jul	Goiânia - GO	Asa Branca	15:20	16:45	01:25
Monitoramento10	17/jul	Goiânia - GO	Parque dos Eucaliptos	17:00	17:29	00:29
Monitoramento11	20/jul	Campo Grande - MS	Santo Amaro	18:00	19:05	01:05
Monitoramento12	20/jul	Campo Grande - MS	Vila Adelina	07:25	08:35	01:10
Monitoramento13	20/jul	Campo Grande - MS	Jardim Colonial	08:55	10:10	01:15
Monitoramento14	21/jul	Campo Grande - MS	Vila Adelina	17:00	17:58	00:58
Monitoramento15	23/jul	Campo Grande - MS	Copa Sul	16:27	17:10	00:43
Monitoramento16	23/jul	Campo Grande - MS	Nogueira	19:50	20:43	00:53
Monitoramento17	02/ago	São Luis dos Belos Montes - GO	Centro	16:17	16:45	00:28
Monitoramento18	02/ago	São Luis dos Belos Montes - GO	Setor Rodoviário	17:00	17:22	00:22
Monitoramento19	03/ago	São Luis dos Belos Montes - GO	Centro	09:50	10:40	00:50
Monitoramento20	03/ago	São Luis dos Belos Montes - GO	Centro	10:48	11:27	00:39
Monitoramento21	06/ago	Goiânia - GO	Vila Monte Celi	17:45	Abandonada	-
Monitoramento22	22/ago	Goiânia - GO	São Judas Thadeu	18:20	19:30	01:10
Monitoramento23	07/ago	Goiânia - GO	São Judas Thadeu	18:10	18:45	00:35
Monitoramento24	18/ago	Dourados - MS	Jardim Maracanã	10:48	11:30	00:42
Monitoramento25	18/ago	Dourados - MS	Jardim Maracanã	11:40	12:32	00:52
Monitoramento26	19/ago	Dourados - MS	Jardim Leste	08:15	09:10	00:55
Monitoramento27	19/ago	Dourados - MS	Jardim Maracanã	09:17	10:05	00:48
Monitoramento28	19/ago	Dourados - MS	Centro	11:15	11:55	00:40
Monitoramento29	25/ago	Rondonópolis-MT	Centro	08:21	09:02	00:41
Monitoramento30	25/ago	Rondonópolis-MT	Centro	14:48	15:05	00:17
Monitoramento31	25/ago	Rondonópolis-MT	Centro	15:35	16:25	00:50
Monitoramento32	28/ago	Rondonópolis-MT	Centro	10:23	10:55	00:32
Monitoramento33	28/ago	Rondonópolis-MT	Centro	14:00	14:25	00:25
Monitoramento34	28/ago	Rondonópolis-MT	Centro	09:44	10:28	00:44
Monitoramento35	28/ago	Rondonópolis-MT	Centro	11:00	11:37	00:37
Monitoramento36	11/set	Goiânia - GO	Setor Universitário	17:45	18:28	00:43
Monitoramento37	13/set	Brasília-DF	Taguatinga	19:20	20:15	00:55
Monitoramento38	14/set	Brasília-DF	Asa Sul	12:00	13:00	01:00
Monitoramento39	16/set	Campo Grande - MS	Universitário	09:20	10:19	00:59
Monitoramento40	18/set	Dourados - MS	Centro	12:40	13:33	00:53
Monitoramento41	18/set	Dourados - MS	Jardim Maringá	18:05	18:50	00:45
Monitoramento42	19/set	Dourados - MS	Jardim Mato Grosso	08:55	09:40	00:45
Monitoramento43	19/set	Dourados - MS	Jardim Tropical	10:35	11:05	00:30
Monitoramento44	19/set	Dourados - MS	Jardim Bará	16:00	16:45	00:45
Monitoramento45	19/set	Dourados - MS	Centro	17:40	18:50	01:10
Monitoramento46	22/set	Rondonópolis-MT	Vila Aurora II	10:35	11:05	00:30
Monitoramento47	22/set	Rondonópolis-MT	Vila Aurora II	11:20	12:05	00:45
Monitoramento48	15/out	Aparecida de Goiânia - GO	Jardim Tiradentes	16:03	16:55	00:52
Monitoramento49	18/out	Campo Grande - MS	Santo Antônio	16:40	17:10	00:30
Monitoramento50	22/out	João Pessoa - PB	Cruz das Armas	15:25	16:50	01:25
Monitoramento51	22/out	João Pessoa - PB	Cruz das Armas	17:50	18:30	00:40
Monitoramento52	23/out	João Pessoa - PB	Cruz das Armas	16:20	17:10	00:50
Monitoramento53	23/out	João Pessoa - PB	Cruz das Armas	17:40	18:35	00:55
Monitoramento54	26/out	Cuiabá - MT	Copa Mil	14:52	15:40	00:48
Monitoramento55	26/out	Cuiabá - MT	Copa Mil	17:20	18:22	01:02
Monitoramento56	27/out	Cuiabá - MT	Copa Mil	17:30	18:05	00:35
Monitoramento57	27/out	Cuiabá - MT	Copa Mil	18:35	19:33	00:58
Monitoramento58	27/out	Cuiabá - MT	Copa Mil	19:50	20:25	00:35
Monitoramento59	29/out	Várzea Grande - MT	Vila Vitória II	14:45	15:25	00:40
Monitoramento60	12/nov	Valparaíso de Goiás - GO	Céu Azul	11:45	12:32	00:47
Monitoramento61	18/nov	Campo Grande - MS	Jardim Panamá	10:02	10:40	00:38
Monitoramento62	18/nov	Campo Grande - MS	Jardim Panamá	12:45	13:25	00:40
Monitoramento63	20/nov	Cuiabá - MT	Jardim Gramado	16:55	17:27	00:32
Monitoramento64	20/nov	Cuiabá - MT	Jardim Gramado	18:40	19:25	00:45
Monitoramento65	26/nov	Goiânia - GO	Jardim Guanabara II	13:00	13:32	00:32
Monitoramento66	26/nov	Goiânia - GO	Jardim Guanabara II	13:45	14:25	00:40

Para futuras pesquisas de vitimização, é importante considerar, além do monitoramento *in loco*, outras metodologias de pesquisa e um possível retorno destas informações ao grupo de pesquisadores. O monitoramento *in loco* deve ser realizado em dois momentos distintos da pesquisa. No primeiro momento, deve ser realizado nos meses iniciais, seguido por grupos focais com os pesquisadores e coordenadores regionais e por fim retorna-se com o monitoramento *in loco*, nos meses finais, para observar os impactos das informações que foram levantadas e trabalhadas com os pesquisadores e coordenadores. Durante este processo, é importante que a equipe de monitoramento ofereça, em conjunto com a empresa contratada, capacitações para trabalhar todas as questões observadas. A Figura 1 apresenta o fluxo proposto para o monitoramento



As informações trazidas com o monitoramento poderão contribuir com todos os procedimentos que envolvem Pesquisas Nacionais de Vitimização, destacando-se as seguintes etapas: construção da metodologia; elaboração do material de treinamento; plano de trabalho; contrato com a empresa ou órgão executor da pesquisa; elaboração de questionários; elaboração de material para capacitações; e manuais metodológicos sobre vitimização.

A “Pesquisa da Pesquisa”: Contribuições do Monitoramento Externo  
para Gestão da 1ª Pesquisa Nacional de Vitimização

Marcos Vinícius Moura<sup>7</sup>

Contato: mviniciusmoura@gmail.com

---

<sup>7</sup> Cientista Social (UFF), Especialista em Segurança Pública Cultura e Cidadania (UFRJ) e Pesquisador do Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT- InEAC)

## 1) Introdução

O seguinte artigo apresenta as atividades desenvolvidas através do monitoramento externo, realizado no âmbito da Primeira Pesquisa Nacional de Vitimização. Através dos dados apresentados, espera-se subsidiar o leitor com informações detalhadas sobre o trabalho desenvolvido pela equipe de monitoramento (consultores) e por sua vez, como as informações observadas durante o trabalho de campo foram transmitidas a representantes da Secretaria Nacional de Segurança Pública – Ministério da Justiça (Senasp – MJ), responsáveis pela gestão da pesquisa.

O artigo traz um breve histórico sobre as pesquisas de vitimização realizadas no Brasil desde 1988 até a presente data (maio de 2011), além de apresentar brevemente a importância que possuem dados desta natureza para as políticas de segurança pública dos Estados Unidos e como estes tipos de pesquisas podem contribuir para o planejamento e execução de políticas públicas voltadas para Segurança Pública.

Compreender como foi o trabalho executado pelos consultores é fundamental para entender a lógica do monitoramento e como suas atividades de observação foram realizadas. A rotina das atividades desenvolvidas, o constante deslocamento entre diversas Capitais e cidades do interior do País e a vivência constante com os pesquisadores que aplicaram o instrumento de coleta, ajudam a demonstrar a maneira como os dados do monitoramento foram coletados.

Por outro lado, é interessante observar como estes dados foram passados a equipe gestora da pesquisa. A periodicidade, mensal e diária, das informações coletadas contribuiu de maneira para o acompanhamento de todas as etapas da pesquisa por parte dos gestores da mesma.

O seguinte artigo é concluído, indicando a relevância de modelos de monitoramento externo para gestão pública. A atividade de monitoramento coloca o gestor público com um nível privilegiado de dados sobre o trabalho em desenvolvimento, possibilitando uma segura tomada de decisão sobre diversas questões, sejam elas de natureza técnica ou puramente gerencial (administrativa). E por fim, indica possíveis avanços no modelo do monitoramento realizado.

## 2) A Pesquisa Nacional de Vitimização

Para elaboração de políticas públicas eficazes faz-se necessário obter informações detalhadas sobre o fenômeno social no qual se busca intervir (SOARES,2008). No Brasil as informações comumente utilizadas no campo da Segurança Pública advêm de duas fontes distintas de dados, são elas: as estatísticas oficiais da polícia civil e as informações do Datasus. Estas fontes destacam-se por serem importantes no desenvolvimento, monitoramento e avaliação de políticas públicas, em especial no campo da segurança, já que projetam de modo coerente as taxas criminais na área da violência. Entretanto, por questões metodológicas, que acabam interferindo na qualidade destas informações (MIRANDA, BERALDO E PAES, 2005) estes dados não podem ser vistos como fontes de informações que contemplem grande parte dos crimes ocorridos.

Desse modo, é importante considerar que grande parte dos crimes que ocorrem no Brasil acabam não sendo registrados (KANT, 1995), o que alguns pesquisadores chamam de “cifra obscura” da violência, ou seja, os crimes que ocorrem e não são notificados a autoridade policial. Nessa perspectiva, foi pensado as Pesquisas de Vitimização que consistem em um instrumento que permite obter informações sobre a população residente em determinada área em relação a aspectos ligados a vitimização, criminalidade, segurança pública e condições de vida (SOARES, 2008), ou ainda, consiste em uma pesquisa para sondar as percepções, hábitos e práticas do dia-a-dia das pessoas e o universo de crimes que não foram registrados nas delegacias. A importância da pesquisa de vitimização é tentar mensurar o que de fato não chega à polícia, ou seja, os fatos criminais que acontecem na sociedade.

Pode-se indagar: Por que devemos fazer pesquisas voltadas para Segurança Pública? Como umas das possíveis respostas, pode-se destacar a necessidade em mensurar e tentar compreender o tamanho da “cifra obscura”. Como ocorrem essas variações em diferentes grupos sociais? Qual o risco em ser vitimizado? Qual o medo do crime? Qual a possível relação entre os envolvidos? Essas são algumas questões que podem ser respondidas com pesquisas de vitimização, contribuindo, assim, diretamente para o planejamento e a formulação de políticas públicas no Brasil.

Pesquisas desta natureza são recentes no Brasil, nos Estados Unidos, de acordo com National Archive of Criminal Justice Data (NACJD) dados sobre vitimização são coletados desde

1973. Duas vezes por ano, os dados são obtidos a partir de uma amostra nacionalmente representativa com a National Crime Survey de Vitimização (NCVS) esta é a principal fonte de informações sobre as características de vitimização penal e sobre o número e tipos de crimes não reportados às autoridades policiais. O NCVS foi projetado com quatro objetivos principais: (1) para desenvolver a informação detalhada sobre as vítimas e as conseqüências do crime, (2) para estimar o número e tipos de crimes não reportados à polícia, (3) para fornecer medidas uniformes de selecionados tipos de crimes, e (4) para permitir comparações ao longo do tempo.

No Brasil as pesquisas de Vitimização tiveram início em 1988, através do suplemento Participação Político-Social da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que incluiu um bloco com perguntas sobre vitimização. O Quadro a seguir apresenta todas as pesquisas de vitimização ocorridas no Brasil, até o presente momento.

Pesquisa	Ano	Abrangência	Período de Referência	Amostra
1 Pnad	1988	Brasil	1 ano	81.628 domicílios
2	1992	Município do Rio de Janeiro	5 anos	1.000 entrevistados
3 Ilanud	1996			
4	1997			
5 Iser/PAHO	1996	Município do Rio de Janeiro	5 anos	2.469 entrevistados
6 Iser/FGV	1996	Região Metropolitana do Rio de Janeiro	1 ano	1.126 entrevistados
7 O Povo e a PM	1997/1998	Distrito Federal	-	-
8 Seade	1998	São Paulo*	1 ano	14.000 domicílios
9 USP	1999	Região Metropolitana de São Paulo	6 meses	1.000 entrevistados
10 ISER	2000	Baixada Fluminense (RJ)	1 ano	1.389 entrevistados
11 CDHP - IBGE	2001	Copacabana e Leme (RJ)	1 ano	450 entrevistados
12 Módulo da PESB	2002	Brasil	Toda a Vida	2.460 entrevistados
13 Ilanud/FIA/USP	2002	São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória e Recife**	5 anos	2.800 entrevistados
14 ISP/ Viva Rio	2002	Município do Rio de Janeiro	1 ano	765 entrevistados
15 CRISP	2002	Município de Belo Horizonte	1 ano e 5 anos	4.000 entrevistados
16 IFB	2003	Município de São Paulo	1 ano e 5 anos	5.000 entrevistados
17 GUTO - UNESP	2003	Município de Marília (SP)	Toda a Vida	Não consta
18 Módulo do BH Area Survey	2003	Município de Belo Horizonte	1 ano	1.029 entrevistados
19 Marcos Rolim	2004	Alvorada (RS)	1 ano	500 domicílios
20 IBPS -PMV	2005	Rio de Janeiro	1 mês	1.100 entrevistados***
21 SSP - NEPP - PR	2005	Curitiba e Foz do Iguaçu	1 ano e 5 anos	4.000 entrevistados
22 UERJ - NUPEVI	2005/2006	Município do Rio de Janeiro	Toda a Vida e 1 ano	4.000 entrevistados
23 CRISP	2006	Região Metropolitana de Belo Horizonte	1 ano e 5 anos	6.220 entrevistados
24 ISP	2006	Região Metropolitana do Rio de Janeiro	1 ano e 5 anos	5.000 entrevistados
25 Senasp	2010/2011	Brasil	5 anos	70.000 entrevistados

\* Região Metropolitana e municípios com mais de 50.000 habitantes / \*\* municípios / \*\*\* Por telefone  
 Fonte: Catão, 2000, atualizado em 05/2011

É importante ressaltar que a falta de uniformidade metodológica nas seguintes pesquisas inviabiliza a comparação dos dados de forma consistente.

Atualmente, no Brasil, existe uma grande dificuldade em comparar as categorias utilizadas em cada um dos estados da federação para as tipificações criminais, tendo em vista

que elas mudam de acordo com a região, com o estado e com a natureza dos delitos ocorridos. Pensando o fluxo dos sistemas de informações (MIRANDA, 2011), pesquisas deste tipo podem ser vistas como a primeira fonte de dados comparáveis, tornando-se possível observar uma linha de tendência dos delitos analisados.

No âmbito nacional a primeira pesquisa de vitimização tem início no ano de 2010, sendo realizada pela Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp), tendo como empresa contratada para executar o trabalho de campo o Instituto Data Folha. A seguinte pesquisa destaca-se por ser a única, entre as pesquisas já realizadas, que contou com monitoramento externo *in loco*<sup>8</sup>, durante o trabalho de campo. Contendo deste modo um rico material analítico sobre as possibilidades e limites em se realizar uma pesquisa nacional de vitimização em um país com dimensões continentais como o Brasil, além de possibilitar a análise detalhada dos instrumentos analisados e os procedimentos adotados para coleta dos dados.

### 3) A “Pesquisa da Pesquisa”: O monitoramento Externo na Pesquisa Nacional de Vitimização

Sendo o objetivo principal do seguinte artigo, refletir sobre as possíveis contribuições do monitoramento externo para gestão pública, este ponto abordará, ainda que de modo sucinto, uma descrição das atividades que a equipe de monitoramento (consultores) desenvolveu e a natureza dos dados coletados.

A equipe de monitoramento foi estruturada a partir de uma seleção pública, onde buscou-se profissionais com os seguintes perfis: possuir formação em ciências humanas e experiência mínima de 03 (três) anos na elaboração, implantação e monitoramento de Políticas Públicas. Desse modo, foram selecionados sete consultores e distribuídos entre as regiões do País que estivesse ocorrendo a Pesquisa nacional de Vitimização.

A proposta inicial apresentada pela Secretaria Nacional de Segurança Pública, para realização do monitoramento consistia inicialmente nos seguintes pontos:

#### 4. Avaliação da capacitação realizada pela Empresa com os entrevistadores, contendo descrição das atividades de capacitação, material didático, programação, conteúdo

---

<sup>8</sup> O monitoramento ocorreu entre os meses de Julho a Novembro de 2010, a partir desta data a pesquisa passa a ocorrer sem o monitoramento externo.

apresentado e estratégias para padronização dos procedimentos de coleta, assim como relato do acompanhamento do pré-teste realizado pela Empresa ganhadora

5. Relato da coleta dos dados nos domicílios acompanhados (questionário nacional e UNICRI), identificando eventuais problemas na execução da pesquisa e propondo medidas corretivas; relato da checagem (por meio de visitas) de pelo menos 01 setor censitário por município; relato do número e a natureza dos casos de substituição, assim como da necessidade e a justificativa de ocorrer substituição
6. Conferência telefônica de 500 entrevistas realizadas.

Entretanto, a dinâmica do trabalho de campo<sup>9</sup> realizado pela empresa contratada não possibilitou a execução da seguinte proposta na íntegra, o que levou a equipe de monitoramento, em conjunto com a equipe gestora da pesquisa, propor um desenho de monitoramento, que fosse viável dentro da logística de campo adotada, garantindo assim, o acompanhamento da maior parte do trabalho realizado pelos pesquisadores. Além disso, o deslocamento entre Estados e municípios do interior do Brasil contribuiu para uma adequação da proposta inicial de monitoramento.

Dos pontos elencados acima, foi possível acompanhar, conforme o previsto, as capacitações realizadas pelo Instituto Data Folha. Nesta etapa do monitoramento os consultores acompanharam a capacitação organizada pelo Instituto Data Folha<sup>10</sup> para transmitir aos coordenadores regionais todos os procedimentos metodológicos da pesquisa, onde estes deveriam reproduzir em seus Estados de origem junto aos pesquisadores de campo. Estas capacitações regionais também foram monitoradas com o objetivo de avaliar como os seguintes procedimentos foram passados aos pesquisadores que aplicariam o instrumento de coleta de dados. Na medida em que as capacitações regionais ocorreram, a

---

<sup>9</sup> O acompanhamento in loco não possibilitava aos consultores ter acesso ao relato do número e a natureza dos casos de substituição, assim como da necessidade e a justificativa de ocorrer substituição. Estas informações foram observadas somente nas entrevistas acompanhadas. Em relação à conferência telefônica a equipe de consultores não teve acesso aos números telefônicos.

<sup>10</sup> A seguinte capacitação ocorreu entre os dias 7 e 9 junho. Reuniram-se em São Paulo especialistas em Segurança Pública e Criminalidade, coordenadores do Data Folha, consultores do Ministério da Justiça e a Coordenação Geral da Pesquisa Nacional de Vitimização e Supervisores de Campo

equipe de pesquisadores era direcionada ao campo e deste modo iniciava-se a segunda etapa do monitoramento: o acompanhamento in loco da pesquisa.

Como proposta de monitoramento, discutida entre a equipe de consultores e a equipe gestora da pesquisa, chegou-se a seguinte metodologia de monitoramento: O consultor tinha como atribuição acompanhar o pesquisador no momento da aplicação do instrumento. Através de uma listagem<sup>11</sup> previa dos pesquisadores que estavam em campo, o consultor estabelecia contato com o mesmo e agendava o dia e horário para acompanhá-lo na realização da entrevista. A proposta inicial orientava para que os consultores acompanhassem estritamente o momento das entrevistas, no entanto, o contato estabelecido com os pesquisadores revelou que muitas das entrevistas realizadas ocorriam logo após a atividade de arrolamento do setor censitário pesquisado, sendo poucas as entrevistas que haviam um agendamento prévio.

Sendo assim, o consultor dirigia-se a campo com o pesquisador e acompanhava todas as etapas da pesquisa, sendo elas: contagem do número de residências no setor censitário, sorteio dos domicílios, sorteio do morador que seria entrevistado e por fim o a aplicação do instrumento de coleta. Do ponto de vista metodológico o consultor realizava uma observação participante e em alguns momentos uma etnografia do trabalho desenvolvido pelos pesquisadores. Durante a abordagem ao domicílio selecionado, esperava-se que os pesquisadores explicassem os motivos pelo qual justificavam a presença de outra pessoa (consultor) acompanhando a entrevista e, por conseguinte a autorização previa do morador selecionado. No entanto o campo revelou que muitos pesquisadores não tinham clareza sobre a atividade que o consultor realizava, estes eram vistos como “fiscais” da SENASP. Havia uma preocupação clara, por parte dos pesquisadores, em passar informações sobre como estava o andamento da pesquisa e justificativas que explicassem a baixa produtividade<sup>12</sup>.

Por outro lado, a percepção, por parte dos pesquisadores, de que os consultores estavam executando uma atividade meramente fiscalizadora, abriu espaço para uma série de

---

<sup>11</sup> A seguinte listagem era passada pelo Instituto Data Folha.

<sup>12</sup> No Distrito Federal um número reduzido de entrevistas pode ser acompanhada, pois nas semanas destinadas para o monitoramento não haviam pesquisadores em campo. Em posteriores encontros com os pesquisadores, ou com o coordenador regional, estes justificavam os motivos pelos quais não trabalharam na pesquisa. Muitos pesquisadores, apesar de estarem indicados como exclusivos para Pesquisa de Vitimização, eram deslocados para trabalhar em pesquisas eleitorais do Instituto Data Folha.

relatos sobre as condições de trabalho e os problemas do campo. Ao passo que as coordenações regionais do Instituto Data Folha esforçavam-se em passar um panorama positivo da pesquisa os pesquisadores de campo pontuavam os principais problemas de campo. Desse modo, o campo permitiu aos consultores observar que algumas das dificuldades apontadas, pelo Instituto Data Folha, para o desenvolvimento da pesquisa, não se devia a metodologia proposta, e sim as relações entre as coordenações regionais e os pesquisadores de campo. É importante salientar que durante todo processo de monitoramento os consultores explicitaram que a função que exerciam tinha como principal objetivo monitorar a metodologia proposta e não as relações entre pesquisadores e a empresa contratada, embora este fosse um ponto que aparecia de modo recorrente na fala dos pesquisadores.

A natureza do trabalho desenvolvido permitiu a equipe de monitoramento ter clareza não somente dos limites e possibilidades da metodologia aplicada, como também as dificuldades encontradas pelos pesquisadores para execução das atividades propostas. A dinâmica do monitoramento garantiu que o consultor acompanhasse toda dinâmica do trabalho do pesquisador. A atividade de monitoramento levava o consultor acompanhar um mesmo pesquisador por dias, chegando por vezes a mais de 10 horas de acompanhamento em um único dia, o que colocava o consultor próximo ao pesquisador, abrindo espaço para discussão e percepção de diversos problemas inerentes a pesquisa.

Durante todo processo do monitoramento nenhuma das questões observadas eram passadas aos pesquisadores e não ocorria nenhuma interferência do consultor durante as entrevistas, exceto nos casos onde os erros cometidos pelo pesquisador obrigavam o consultor intervir. O relato abaixo indica um destes momentos, onde a pesquisa foi apresentada de modo incorreto, como sendo uma pesquisa do Jornal XXXX.

“O pesquisador deu uma explicação ruim da pesquisa, esclareceu brevemente sobre do que ela se tratava e logo a vinculou ao Jornal XXXX. Após a fala do pesquisador, expliquei corretamente a pesquisa e qual seria minha função”.

(Goiânia-GO 16/7/2008 16h17minh)

A estratégia de acompanhamento in loco, foi de extrema relevância para compreensão de algumas questões. O trabalho desenvolvido pode relevar questões transversais em uma Pesquisa de vitimização, como relatado nos pontos anteriores, o monitoramento permitiu

vizualizar questões que vão além da aplicação do instrumento, tais como: gestão, capacitação, remuneração e logística. Durante os meses do monitoramento, foi possível perceber a exaustão com que tal atividade foi realizada, passado alguns meses de campo as informações obtidas tornaram-se repetitivas, a lógica de execução da pesquisa foi claramente identificada durante o monitoramento.

O fragmento que segue abaixo refere-se a uma das entrevistas acompanhadas e os principais pontos observados pelo consultor:

“Fomos duas vezes a esta residência para encontrar algum residente para efetuar o sorteio no domicílio. Após a realização do sorteio, fomos recebidos pelo morador selecionado. A casa fica localizada em uma rodovia muito movimentada, funcionando na residência uma borracharia. A família era muito humilde e não havia nenhuma outra residência próxima, somente postos de gasolina.

A entrevista ocorreu na varanda da residência, toda cercada por grades. Assim que entramos, a esposa do entrevistado logo fechou com cadeado a porta de acesso. O pesquisador não informou que a entrevista deveria ser individual, sendo assim, ao lado do entrevistado ficam sua esposa e seu filho (criança de colo). Durante toda entrevista, a esposa acaba relatando casos dos quais já foram vítimas e interferindo nas respostas dadas pelo entrevistado. A esposa relata que seu marido já havia sofrido uma tentativa de homicídio, onde um matador iria matar o irmão do entrevistado e acabou tentando matá-lo com uma faca. Ela conseguiu chamar a polícia rapidamente, que demorou cerca de 40 minutos para chegar ao local.

O entrevistado não possui moto e mesmo assim o pesquisador aplica as perguntas referentes ao roubo e furto da moto. O pesquisador não esclarece a diferença entre roubo e furto. A esposa relata um furto de bicicleta que ocorreu na residência e refere-se a este fato como tendo sido um roubo. O relato dela demonstrou claramente que foi um furto. O pesquisador observou o equívoco e preencheu corretamente no questionário, explicando a ela a diferença entre ambos. Mesmo não sendo ela a entrevistada, ele considera as respostas dadas por ela.

O local da residência é muito ermo e perigoso, no outro momento que fomos a esta residência era por volta de 20h00m e não fomos recebidos por nenhum morador. O morador relata que foi vítima de cinco crimes no período em que reside neste local, sendo estes: tentativa de homicídio, furto de bicicleta, furto de cadeiras, invasão do domicílio e agressão.

Quando o pesquisador começa a perguntar sobre a experiência com a polícia, o entrevistado acredita que a polícia faz um bom trabalho na região em que ele mora. Segundo ele, já estão acabando com os bandidos da área. Durante o dia, passam carros de polícia a todo o momento, pois há um batalhão na proximidade.

O pesquisador estava identificado corretamente com o uso de colete e crachá. No entanto, estava com o cartão do período de referência com a data do mês anterior, não entregou o cartão do Instituto e a carta de apresentação da pesquisa e o entrevistado apresentou dúvidas na formulação da questão 171D”

(Goiânia-GO, 6/8/2010, 18h10minh)

O fragmento acima foi retirado do caderno de campo do consultor e aponta as informações que foram coletadas durante a observação. As informações não se limitam somente ao instrumento, mas também as condições gerais da realização da entrevista, como: local de moradia, receptividade, compreensão das perguntas, interferência de terceiros, postura do pesquisador e entrega do material da pesquisa. Nesta entrevista particularmente, chama atenção a participação da esposa do entrevistado com as respostas fornecidas ao pesquisador, haja vista que a metodologia prevê que o entrevistado esteja sozinho no local, não tendo validade respostas fornecidas por terceiros. De modo geral, todas as entrevistas acompanhadas possuíam relatos desta natureza e apontavam para as principais questões observadas.

Após a observação das entrevistas, os dados coletados pelo consultor eram organizados através de relatórios mensais e passados a equipe gestora da pesquisa em uma reunião mensal com todos os consultores. Além dos relatórios mensais, relatos diários do campo eram enviados a coordenação geral da Pesquisa de Vitimização.

#### 4) Contribuições do Monitoramento Externo para Gestão da Pesquisa

No ponto acima, fora apresentado o modelo de monitoramento adotado e as principais informações que continham os dados observados. Neste ponto, serão tratados o modo como estas informações foram passadas para a equipe gestora da pesquisa, no âmbito da Senasp. Através das observações levantadas com as reuniões mensais ocorridas entre a equipe de monitoramento e a equipe da Senasp, espera-se trazer questões que possam contribuir com a reflexão sobre a relevância das informações oriundas do monitoramento para gestão de iniciativas públicas, em especial aquelas relacionadas ao campo da pesquisa.

Através de uma reunião mensal era discutido entre a equipe de consultores e a equipe da Senasp todos os pontos observados durante o respectivo mês em que o monitoramento ocorreu, esta reunião corria no início do mês de modo que fosse possível a posterior tomada de decisão por parte da equipe gestora.

Os dados coletados durante o monitoramento de cada uma das entrevistas acompanhadas eram organizados de modo que permitisse uma discussão geral acerca das questões metodológicas e operacionais da pesquisa. Os pontos abordados podem ser vistos de dois modos distintos: informações sobre o desenvolvimento da metodologia proposta e informações gerenciais da pesquisa.

A dinâmica adotada nas reuniões fazia com cada consultor destacasse detalhadamente as principais percepções observadas nos Estados em que a pesquisa havia sido monitorada. O quadro abaixo apresenta algumas das principais indicações levadas à equipe gestora, onde

esta a partir destes dados, teria subsídios para direcionar suas ações no campo gerencial da pesquisa.

Questões Apontadas	Medidas Propositivas
Pesquisadores com dificuldade em perguntar sobre orientação sexual	Reforçar a capacitação e reciclagem dos pesquisadores em campo. O pesquisador deve agir com naturalidade nesta pergunta.
Pesquisadores em campo sem utilização de Carta de Apresentação da Pesquisa	Disponibilização e distribuição da Carta de Apresentação da pesquisa a todos os domicílios abordados.
Pesquisadores com abordagem incorreta da pesquisa, não sabendo explicar corretamente do que se trata	Reforçar a capacitação e reciclagem dos pesquisadores em campo. O pesquisador deve apresentar a pesquisa como está indicado na Carta de Apresentação e estar apto a responder as dúvidas sobre a mesma.
Substituição sem seguir os padrões metodológicos;	O Instituto Datafolha deve iniciar a supervisão in loco da pesquisa.
Entrevistas realizadas com mais de uma pessoa no local	Reforçar a capacitação e reciclagem dos pesquisadores em campo, ressaltando a importância das entrevistas serem individuais.
Intervenção do "Checador" (supervisor) durante a entrevista	É importante salientar que o pesquisador responsável por realizar a supervisão da pesquisa não deve realizar nenhum tipo de intervenção durante a entrevista, qualquer observação deverá ser apontada após o término da mesma.
Diferenciação errada entre a Polícia Civil e Militar	Reforçar a capacitação e reciclagem dos pesquisadores em campo, salientando conceitos-chaves para a pesquisa.
Desconhecimento do Instrumento	Reforçar a capacitação e reciclagem dos pesquisadores em campo.

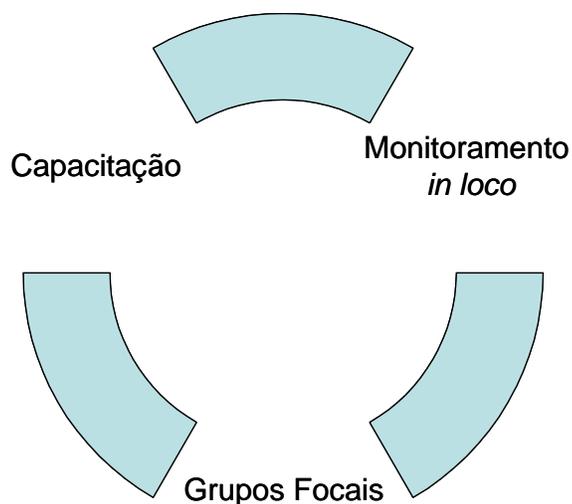
O quadro apresenta algumas questões que mais chamaram atenção do consultor durante o mês de novembro de 2010, na região Centro-Oeste, neste quadro são apontados os problemas considerados de maior relevância e que por isso necessitariam de rápida resolução. Acompanhando os apontamentos, é possível observar uma coluna de medidas propositivas, que referem-se às possíveis ações que poderiam ser adotadas para resolução de cada uma das questões levantadas.

Com estas informações busca-se exemplificar o nível de conhecimento que a equipe gestora possuía sobre todas as questões relacionadas à pesquisa. É importante refletir sobre a importância do monitoramento como mecanismo de trazer informações para o gestor público sobre as iniciativas governamentais. Neste caso, especificamente, as informações dizem respeito ao modo como uma empresa privada encontra-se executando o trabalho no qual foi contratada, via licitação pública.

## 5) Considerações Finais

Um dos maiores problemas do gestor moderno é a falta de informações para a tomada de decisões (FURLAN, 1994). Desse modo, é fundamental para gestão pública o acesso a informações, que no caso apresentado só foi possível ser obtida através do monitoramento. Além disto, é importante salientar a relevância de monitoramentos EXTERNOS, onde sejam avaliadas e acompanhadas todas as ações para execução das atividades previstas. Somente através de modelos de monitoramento o gestor público terá acesso a informações que agreguem dados de caráter qualitativo, onde todo processo seja monitorado. Contribuindo assim, para uma gestão pública pautada na responsabilidade em todas as suas linhas de execução.

Em perspectivas futuras, pode-se considerar como uma das principais contribuições do monitoramento o possível retorno destas informações ao grupo de pesquisadores. Pode-se sugerir que o monitoramento *in loco* seja realizado em dois momentos distintos da pesquisa, no primeiro momento deve ser realizado nos meses iniciais, seguido por grupos focais com os pesquisadores e coordenadores regionais e por fim retorna-se com o monitoramento *in loco*, nos meses finais, para observar os impactos das informações que foram levantadas e trabalhadas com os pesquisadores e coordenadores. Durante este processo é importante que a equipe de monitoramento ofereça, em conjunto com a empresa contratada, capacitações para trabalhar todas as questões observadas. O diagrama abaixo apresenta o fluxo proposto para futuros monitoramentos de Pesquisas de Vitimização.



As informações trazidas com o monitoramento podem contribuir com diversos procedimentos que envolvem Pesquisas de Vitimização, destacando-se etapas como: construção da metodologia, elaboração do material de treinamento, plano de trabalho, contrato com a empresa ou órgão executor da pesquisa, elaboração de questionários, elaboração de material para capacitações e por fim, manuais metodológicos sobre vitimização

#### Bibliografia

BEATO FILHO, Cláudio C. Fontes de Dados Policiais em Estudos Criminológicos: Limites e Potenciais. In: Cerqueira, D.; Lemgruber, J. e Musumeci, L.(orgs.), Fórum de Debates – Criminalidade, Violência e Segurança Pública: Uma Discussão sobre as Bases de Dados e Questões Metodológicas. Rio de Janeiro, IPEA/CeSEC-UCAM, 2000.

CANO, Ignácio. Registros Criminais da Polícia no Rio de Janeiro: problemas de confiabilidade e validade. In: Cerqueira, D. Lemgruber, J. e Musumeci, L. (orgs.), Fórum de Debates – Criminalidade, Violência e Segurança Pública: Uma discussão sobre as Bases de Dados e Questões Metodológicas. Rio de Janeiro, IPEA/CeSEC-UCAM, 2000.

KANT DE LIMA, Roberto. A Polícia da Cidade do Rio de Janeiro: seus dilemas e paradoxos. 2ª ed. Rio de Janeiro, Forense, 1995.

FURLAN, J.D., IVO, I.M. & AMARAL, F.P. Sistemas de Informação Executiva, São Paulo, Makron Books, 1994.

MIRANDA, Ana Paula Mendes de. Cartórios: onde a tradição tem registro público. In: Revista Antropolítica, Niterói, n. 8, 2000, pp. 59-75.

MIRANDA, A. P. M. ; PITA, M. V. . Rotinas burocráticas e linguagens do Estado: políticas de registros estatísticos criminais sobre mortes violentas no Rio de Janeiro e em Buenos Aires. **Revista de Sociologia e Política** (UFPR. Impresso) 2011

\_\_\_\_\_. Segredos e Mentiras, confidências e confissões: reflexões sobre a representação do antropólogo como inquisidor. In: Revista Comum, Rio de Janeiro, v.6, no 17, jul./dez 2001, pp. 91-110.

\_\_\_\_\_. Informação, Política de Segurança Pública e Sentimento de Insegurança. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra: Portugal, 2004.

\_\_\_\_\_ et ali. Avaliação Do Trabalho Policial nos Registros de Ocorrência e nos Inquéritos Referentes a Homicídios Dolosos Consumados Em Áreas de Delegacias Legais. Relatório final de pesquisa apresentado à Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP). Rio de Janeiro, 2005.

SOARES, Andréia, BORGES, Doriam e CAMPAGNAG, Vanessa. A pesquisa de condições de vida e vitimização de 2001: Notas metodológicas. In: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização -2007. Série Análise Criminal / Volume II - Rio de Janeiro – 2008.

Sites Consultados:

<http://www.icpsr.umich.edu/icpsrweb/NACJD/>